

# REFUTAÇÃO DO MATERIALISMO



Discurso pronunciado pelo sr. Anastasio García López na sessão de controvérsia no dia 16 de abril de 1873, respondendo aos argumentos expostos pelos materialistas na Sociedade Espírita Espanhola

ANASTASIO GARCÍA LÓPEZ

**ANASTASIO GARCÍA LÓPEZ**

**REFUTAÇÃO DO MATERIALISMO**

*Lançamento original:*

*Anastasio García López - Refutación Del Materialismo*

*Discurso pronunciado por D. Anastasio García López en la sesión de controversia del día 16 de abril de 1873, contestando a los argumentos espuestos por los materialistas en la Sociedad Espiritista Española*

*Imprensa de Alcântaras Fuencarral, 81*

*Madrid – 1874*

Tradução: Teresa da Espanha

Prefácio: Jorge Hessen

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

**[Portal Luz Espírita](#)**

**[Autores Espíritas Clássicos](#)**

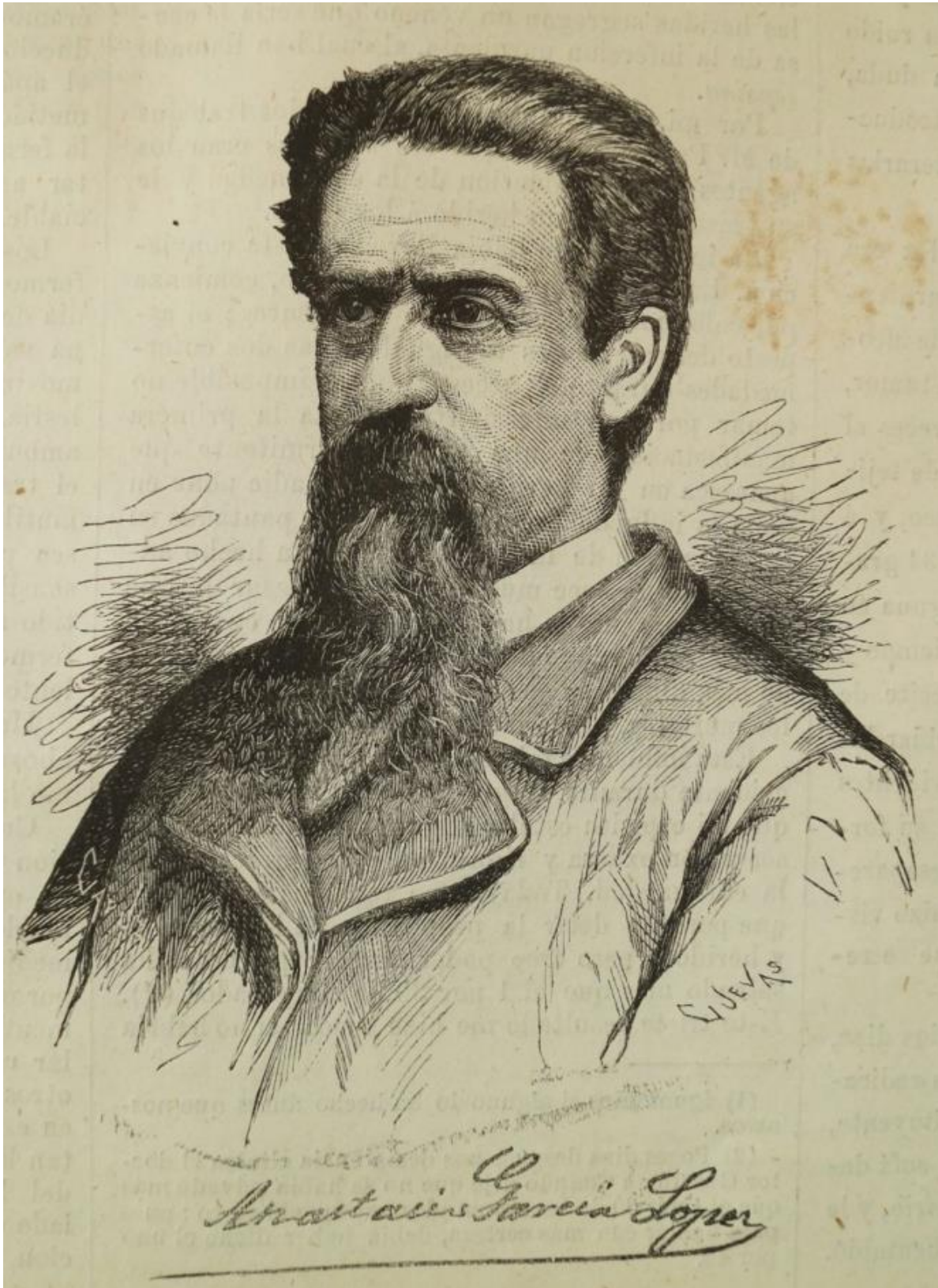


*Anastasio García López*

## **Refutação do Materialismo**

**Discurso pronunciado pelo sr. Anastasio García López na sessão de controvérsia no dia 16 de abril de 1873, respondendo aos argumentos expostos pelos materialistas na sociedade espírita espanhola.**

**Madri  
(1931)**



**ANASTASIO GARCÍA LÓPES (1823 - 1897)**

Será que também não se têm notícias de alguns desses indivíduos que são uns prodígios em algum ramo de conhecimentos, às vezes desde a infância, sem ninguém ter ensinado a eles aquilo que parecem ter trazido natural em seu ser?

Será que não sabem que existem pessoas que são poetas, pintores, escultores, mecânicos, matemáticos, etc., desde que chegaram ao uso de razão, e antes de terem estudado e nem sequer ouvido coisa alguma sobre esses conhecimentos que neles são inatos, por terem sido adquiridos em outras existências?

Pois estes fatos também não possuem explicação fora da teoria espírita, única que, com a pluralidade de encarnações, podem compreender como muito natural esse fenômeno, porque o espírito que desenvolveu em outra existência uma determinada faculdade, pode, ao reencarnar, imprimir um grau superior de atividade à parte do cérebro encarregada de auxiliar aquela faculdade, e recordar os conhecimentos de outra vida, mesmo antes de cultivar novamente esse órgão.

Anastasio García López

Os tradutores

# Sumário

Prefácio — *pág. 07*

Discurso pronunciado pelo sr. Anastasio García López na sessão de controvérsia no dia 16 de abril de 1873, respondendo aos argumentos expostos pelos materialistas na sociedade espírita espanhola — *pág. 12*

Como me tornei espírita (Anastasio García López) - Publicado na revista “El Buen Sentido” (Lérida, outubro de 1882) — *pág. 53*

# Prefácio

Anastasio García López, médico, espírita e pioneiro do Paracletismo. Nascido em Ledaña, província de Cuenca em 1823, Anastasio García López diplomou-se em medicina em 1846. Foi cirurgião titular Aragoncillo opcional (Guadalajara), professor de Fisiologia e Higiene da Universidade de Salamanca (1869-1871), juiz do Tribunal de oposições para cadeiras de História Natural Institutos de Ávila e Cáceres (1889/10/23).

Conhecedor do método de Hahnemann, dedicou seu talento e sua ânsia de ampliar seus conhecimentos sobre o método homeopático, direcionando suas pesquisas não só aos princípios fundamentais desta escola essencialmente vital e, como tal, em perfeita harmonia com ele, convencidos da sua certeza, ele tem muito professada, mas também para o campo da medicina de Hahnemann, fonte inesgotável de indicações terapêuticas saudáveis.

García López foi propagador infatigável da Doutrina Espírita e da medicina homeopática. Nesse senso, foi autor de inúmeros artigos, livros e opúsculos interessantes. Na conjuntura do século XIX, a Revolução Liberal de 1868, na Espanha, destituiu a Rainha Isabel II do trono e permitiu o surgimento da Primeira República Espanhola em 1873. Esta revolução teve intensa participação de espíritas e maçons que lutavam inclusive pela implantação da liberdade de culto e da laicidade do Estado. Com maior liberdade, a propaganda espírita conseguiu ampla divulgação e penetração entre as massas e também entre as classes mais intelectualizadas da sociedade espanhola deste

período.

Infelizmente, antes que o projeto fosse discutido e aprovado pelo Parlamento Espanhol, um golpe de Estado liderado pelo general Martínez Campos deu fim a Primeira República Espanhola e restabeleceu a monarquia na pessoa de D. Alfonso de Bourbon, filho de Isabel II. Consequentemente, a influência dos espíritas na política espanhola, foi diminuída após este acontecimento.

Mas mesmo assim o movimento espírita espanhol continuou atuando junto à sociedade, pois foi amplamente conhecida a atuação das sociedades espíritas na criação de escolas de ensino laico, que atendia a uma parcela significativa da população que não contava com políticas públicas de educação ou condições de pagar pelo ensino ministrado em colégios católicos.

O Dr. García López foi propagador infatigável da Doutrina Espírita e da medicina homeopática. Nesse senso, foi autor de inúmeros artigos, livros e opúsculos interessantes.

Suas obras do Espiritismo são: Exposição e defesa das verdades fundamentais do Espiritismo em 1872, Refutação do materialismo em 1874 e diversas palestras sobre Cosmologia, Antropologia e Sociologia.

Em 1888 tem lugar Primeiro Congresso Internacional espírita em Barcelona, organizada pelo Centro Barcelonés de Estudios psicológicos. Aonde a atuação Dr. Anastasio García López teve um papel relevante sendo que aderiram ao Congresso sessenta e oito entre os grupos, centros e sociedades peninsulares, seis coloniais americanos, dez da América espanhola, dois dos Estados Unidos, e seis franceses, quatro belgas, dois italianos, um russo e um romeno.

Anastasio García López foi fundador em 1893 do Jornal Fraternidad Universal, La Segunda Epoca de El Criterio Espiritista. Organo Oficial de la Sociedad de Su Nombre. Revista de Estudios Psicologicos que



teve a sua duração até o final de sua vida. Juntamente com a uma Sociedade espírita denominada “La Fraternidad Universal”.

Anastasio García López abraçou o Espiritismo como ideal de vida ao encontrar as respostas suas indagações filosóficas. Na sua magnífica capacidade intelectual refletia os porquês.

Por quê há tantas injustiças sociais, tantas iniquidades na humanidade, tantas desigualdades entre os homens? Qual é a finalidade dos seres que nascem e morrem sem terem preenchido missão alguma na Terra? Estes e outros muitos temas eram os problemas que García López, procurou sua razão de ser na hipótese do panteísmo, do ateísmo e do espiritualismo teológico, sem que nenhuma delas deixasse satisfeito o seu entendimento e nem a sua consciência.

Algumas vezes ouvira falar em Espiritismo, porém nada tinha lido ou visto e julgava como absurdo a pouca coisa que conhecia dessa doutrina, apesar de já naquela época terem-se lhe apresentados espontaneamente certos fenômenos insólitos que ele admitia a si mesmo como sendo produto de ações de magnetismo biológico, entre eles a desencarnação de um filho quando estava com 12 anos de idade.

Anastásio García López teve uma espécie de pressentimento da desencarnação do filho estando ele em perfeita saúde; ao pouco tempo desse pressentimento, o garoto foi vitimado por um tifo, que o arrebatou da vida física em poucos dias.

Outro fato significativo foi a aparição desse filho, vista por García López na mesma noite da sua desencarnação, quando na penumbra do seu dormitório; o seu filho se apresentou como formado por uma nuvem luminosa, semelhante a luz que um fósforo emite ao esfregá-lo entre os dedos no escuro.

Tais fatos impressionaram fortemente sua mente, por isso mesmo

procurou explicação para suas convicções filosóficas panteístas e das suas teorias sobre o magnetismo. Seus raciocínios, alguns deles, estavam de acordo, como pode testemunhar posteriormente, com a Doutrina Espírita que desconhecia então.

Eis aqui, resumido, como Anastasio García Lopez tornou-se espírita e a razão de permanecer nas hostes do Espiritismo. Encontrou na Doutrina o conceito que a sua consciência buscava sobre a causa primeira; conheci até onde é possível à inteligência do homem na Terra, o Deus da ciência, muito diverso do Deus das religiões positivas.

O Espiritismo não era mais rejeitado pela sua razão, sendo que, despojado da ontologia com que ele foi dado a conhecer, estava de posse de meios para demonstrar, prática e experimentalmente, a existência do espírito, a perpetuidade do ser, sua permanente individualidade através de múltiplos organismos e em muitos mundos, constituindo todos os espíritos a humanidade espalhada por todo o Universo e sendo, portanto, cada planeta uma cidade habitada por seres inteligentes e passíveis de aperfeiçoamento.

A partir de então, encontrou a solução de todas as suas dúvidas passadas, conseguiu ver resolvidos todos os problemas da vida individual e social, compreendeu a evolução como uma lei iniludível e a religião harmonizada com a ciência.

Dissiparam-se os fatos sobrenaturais a que tão refratária tinha sido sempre a sua lógica e observou que os fenômenos espíritas, referidos como uma realidade em todas as épocas e em todas as civilizações, eram subordinados a leis naturais até então ainda não conhecidas nem investigadas e que apenas com o Espiritismo era possível se encontrar para elas uma causalidade e uma razão de existir.

Compreendeu a evidência das comunicações entre os encarnados e os espíritos, portanto, a ciência harmonizada com a fé raciocinada

encontrava um auxiliar nessas revelações para ampliar a esfera dos seus conhecimentos.

García López abarcou a religião única e universal, sem templos, culto ou sacerdotes, porque seu templo é o espaço infinito e a infinidade de mundos que giram eternamente no imenso pélago da matéria cósmica, cuja essência é a inteligência absoluta e cujo dogma é o trabalho que eleva a alma a Deus, o estudo das leis da natureza, fazendo compreender cada vez melhor a Deus, e a prática da caridade e o amor por todos os seres.

Compreendeu com isso que o espírito progride e se aprimora eternamente, destroçando os mitos de inferno e purgatório e da beatitude imóvel das religiões positivas, como tantos outros erros que serviam de empecilho para o progresso humano.

São Paulo, 19 de dezembro de 2021

Jorge Hessen

# Discurso pronunciado pelo sr. Anastasio García López na sessão de controvérsia no dia 16 de abril de 1873, respondendo aos argumentos expostos pelos materialistas na sociedade espírita espanhola

SENHORAS E SENHORES: Após os cinco discursos seguidos pronunciados por mim, dois na discussão com a escola católica, e três na controvérsia com os materialistas, considerava terminada a minha tarefa; e desejava vivamente que assim fosse, não tanto por mim quanto pelo público, que sem dúvida deve estar cansado do obrigado abuso que tenho feito da palavra nessas sessões. No entanto, como na noite de ontem fui tantas vezes aludido pelo senhor Capdevilla, não tive como não pedir a palavra de novo, mesmo que fosse apenas com o intuito de fazer, não um discurso, mas unicamente algumas observações a certos erros emitidos aqui pelos materialistas, e, além disso, indicando alguns dos argumentos que fiz a essa doutrina em sessões anteriores sobre os quais eles nada disseram, ou fugiram deles, escapando pela tangente.

Antes de mais nada, quero fazer notar que não estão de acordo entre si os senhores que tomaram parte na discussão em nome da

escola materialista, visto que o Sr. Vinader admite todos os fenômenos espíritas, pretendendo explicá-los pelo magnetismo e o sonambulismo, e o Sr. Capdevilla, não sei se quer admiti-los ou negá-los, porque isso ele ainda não nos disse. Também não estão de acordo no modo de responder a um argumento meu sobre a impossibilidade de conceber a identidade do eu pensante com a doutrina materialista, já que, se a razão é o resultado da organização encefálica, e visto o fato de todas as células se renovarem e passado certo tempo não ficar na organização nem uma só molécula das antigas, isso daria como resultado que o eu pensante de hoje não fosse o mesmo da infância, nem o mesmo da puberdade, e a não existência de um eu sempre idêntico, existindo então uma imensa dificuldade para explicar as lembranças ou a memória de coisas passadas em épocas longínquas. O Sr. Vinader conformou-se, para ser lógico com suas ideias, com o fato de não existir tal identidade e que o eu variava à medida que era renovada a matéria da organização, e até acrescentou não haver lembranças dos acontecimentos passados. O Sr. Capdevilla admitiu a existência de um eu sempre idêntico, e falou, com uma grande inocência, que apesar de a razão ser o produto da organização cerebral, a prova da existência da identidade do eu é que cada um possui consciência de ser sempre o mesmo sujeito. Pois bem, esse é justamente o meu argumento, que, sendo idêntico o eu pensante em todos os momentos da vida, como compaginar isso com a constante renovação da matéria orgânica do cérebro e do corpo todo.

Porém, não só não estão de acordo na doutrina que sustentam, mas vêm impugnar o espiritismo sem conhecê-lo e sem tê-lo estudado. Dando provas disso a cada passo; e não basta afirmarem que o conhecem e que o estudaram, pois pelos efeitos chega-se ao conhecimento das causas, e lembrando os dois discursos do Sr.

Capdevilla, que é com o que eu mais especialmente desejo lidar esta noite, compreende-se que, como máximo, ele leu o índice de algum livro espírita, ou algum breve folheto dessa doutrina; mas nunca fez um estudo profundo como seria necessário para se lançar a fazer uma crítica a respeito dela. Porque toda a tarefa do Sr. Capdevilla resumiu-se em nos dar uma lição de fisiologia, e de fisiologia ruim; a expor conhecimentos de patologia, e de patologia ruim; e a indicar algumas noções de terapêutica e de terapêutica ruim. Com isso S.S. provou ter conhecimento das obras de Beclard e de Longet, e que conhece a fisiologia experimental; que sabe fazer diagnósticos e administrar aos seus doentes xaropes e poções. Mas o que tudo isso tem a ver com o espiritismo? De que os alimentos se misturem na boca com a saliva; e a ptialina dê a eles a primeira modificação química, que é aumentada depois no estômago quando misturada com os sucos gástricos e sob a influência da pepsina neles contida; de que o quilo seja absorvido e passe à circulação pelo mecanismo que S. S. explicou; de que o sangue sofra hematose nos pulmões, e todas as funções sejam realizadas segundo os processos que nos manifestou, ou por outros mais científicos; mas, seria possível, de tudo isso, deduzir que não existe Deus e que também não existe no homem o princípio que chamamos de espírito, e que portanto são errôneos os fundamentos da doutrina espírita? Mas é que o Sr. Capdevilla entende que esta escola atribui tudo ao espírito, deixando de lado as forças e leis da organização, e imagina que nós admitimos que o espírito faz a saliva e a digestão e tudo aquilo que corresponde ao organismo fazer. E eis aqui uma prova daquilo que indiquei antes, isto é, que eles vêm impugnar o espiritismo sem conhecê-lo e sem tê-lo estudado suficientemente. Mais uma prova disso é a confusão que ele fez, da doutrina das reencarnações com a metempsicose de Pitágoras, pensando que a teoria desse filósofo da antiguidade é a

mesma que nós admitimos. Nas reencarnações da nossa doutrina não aparece a transmissão regressiva do espírito, passando de um corpo da espécie humana para um corpo de outra espécie inferior, sendo que na hipótese de Pitágoras ensinava-se que existia esse retrocesso. Fica então evidente que, ao sustentar que a nossa doutrina sobre a pluralidade de vidas do espírito humano, animando sucessivos corpos, é a metempsicose de Pitágoras, ele dá uma prova de que não leu nada fundamental e sério sobre espiritismo.

Não me ocuparei das confusões que o Sr. Capdevilla fez entre algumas escolas filosóficas ao citar os pensadores que lhes deram caráter ou as fundaram, fazendo aparecer em algumas, nomes que realmente correspondem a outras, nem tampouco do erro que cometeu admitindo como sinônimos o método indutivo e o analítico, e o dedutivo com o sintético, o qual não aconteceu por distração, visto que ele sempre falou a mesma coisa repetidas vezes em seus discursos. Induzir não é analisar, e deduzir não é sintetizar, Sr. Capdevilla; e além disso, vou dizer-lhe, como quem não quer a coisa, que todas as ciências precisam de princípios formais, fundamentais ou filosóficos, que contêm em si a razão da sua evidência, sem precisar demonstrá-la com provas de fatos, por mais que nos fatos esteja também a prova de serem verdadeiras. A inteligência concorda com esses princípios sem aguardar que a experiência venha ilustrá-la sobre eles, como acontece quando dizemos que o todo é maior do que a parte, ou que não existe efeito sem causa. Porém, enquanto uma série de conhecimentos não tiver esses primeiros princípios que servem para explicar e relacionar o conjunto de fatos e de fenômenos trazidos pela observação e a experiência, a série particular de conhecimentos, qualquer uma que fosse, não irá sair da categoria de um empirismo, e não será, portanto, elevada à condição de verdadeira ciência. Nessa situação

encontra-se a presunçosa doutrina dos materialistas, condenada pela cegueira dos seus próprios prosélitos, a não ser em suas mãos uma ciência, mas apenas um empirismo.

Do mesmo modo, o Sr. Capdevilla fez uma lamentável confusão entre as escolas filosóficas e as seitas religiosas, atribuindo às primeiras o erros, abusos e crimes das segundas. Por ter sido exercido o despotismo e a tirania em nome do catolicismo, ele deduz com uma lógica estranha que tudo isso foi devido às escolas espiritualistas. O absurdo que envolve este modo de raciocinar não precisa ser refutado, pois basta indicá-lo para compreender o quanto de gratuito existe nessas suposições. Por outro lado, o Sr. Rebolledo já as assumiu e demonstrou que quando as religiões se separaram da parte espiritual da sua doutrina e se focaram nas fórmulas e na parte material, foi quando caíram nesses abusos e crimes que não são e nem poderiam ser consequência do espiritualismo de escola alguma, e muito menos da de Cristo.

Antes eu falei que aqueles que vieram aqui para defender o materialismo não conheciam o espiritismo, não estando sequer de acordo entre si em suas próprias doutrinas, visto que uns negavam o que os outros defendiam; e agora acrescentarei que também não conhecem o materialismo moderno: porque aquele que exibiram para nós é o mesmo da teoria atomística de há vinte e quatro séculos atrás, apresentado no século XVIII pelo barão de Holbach em seu Sistema da Natureza.

Vocês rejeitam os princípios da nossa escola porque, não tendo estudado esses princípios, nem conhecendo a sua razão de ser, tacham-nos de hipotéticos; e não perceberam que todo o organismo da sua doutrina materialista parte de uma hipótese, porque a existência do átomo vocês a supõem, já que não o viram e nem o tocaram. A mesma coisa acontece com a matéria, única existência



real que vocês admitem; porém vocês conhecem apenas os corpos, mas em modo algum a matéria de onde os corpos saíram. É verdade que a química nos ensina de que simples os compostos são formados, porém ela não sabe de onde provém os simples; e se estabelece afirmações sobre essa questão, elas não se baseiam na experiência, e lança mão, por tanto, de uma hipótese. Sendo assim, vocês são inconsequentes, porque disseram que não admitem nenhuma coisa como verdade e que, para vocês, aquilo que não tivesse sido adquirido pelos sentidos não é um conhecimento.

Mas eu pergunto: por qual sentido vocês chegaram ao conhecimento da matéria primitiva, ou dos átomos primordiais anteriores aos corpos simples, que tomam como base fundamental do seu sistema? Sua noção dos átomos e da matéria é uma hipótese, não uma experiência.

Já disse, em outra noite, não obtendo de vocês resposta alguma a esta observação, que a matéria existia pela impulsão antitética de duas forças, a força centrífuga e a força centrípeta, e que se uma delas fosse suprimida, a força centrífuga, por exemplo, toda a matéria do universo poderia ser encerrada, como André-Marie Ampère disse, na cavidade da palma de uma mão, e eu acrescento que ela ficaria reduzida ao ponto matemático; e se, pelo contrário, faltasse a força centrípeta, a matéria se desagregaria tanto e tanto, que a imaginação perde-se nessa difusão e enrarecimento infinito, e somente encontra como término o estado primitivo da matéria chamada cósmica ou etérea.

Não conheceis, pois, a matéria, e apenas pelos sentidos tendes conhecimento de seus acidentes, de seus estados ponderáveis e das propriedades dos corpos; dos corpos, entendam bem porque as propriedades que conheceis não são essenciais à matéria propriamente dita, e sim dos corpos nascidos dela, e por tanto são

acidentais e contingentes, não essenciais, como vocês pretendem. E mesmo essas propriedades, e toda a ciência que desse conhecimento vocês deduziram, estão realmente nos corpos ou na maneira de sentir de vocês? Pois me ocorre perguntar: quando falam, por exemplo, que o açúcar é branco e doce, se vocês tivessem outra organização ou um sistema nervoso diferentemente organizado, talvez o açúcar lhes pareceria, e seria realmente, amargo e de outra cor. Podemos ver isso com os diferentes animais, pois coisas que para uns são repugnantes, para outros são agradáveis; e mesmo no próprio homem acontece, em certos estados mórbidos, parecer-lhe amargo ou salgado, ou azedo, aquilo onde ele não encontra essas qualidades com o seu organismo no estado normal; a mesma coisa acontece com as cores e outras qualidades dos corpos. Então, se estivéssemos organizados de outra maneira, atribuiríamos aos corpos outras propriedades diferentes daquelas que agora assinalamos neles, e aquilo que consideramos áspero pareceria ser suave, verde pareceria amarelo, opaco pareceria transparente, etc., etc. Como, então, podem vocês afirmar que conhecem a matéria pelas suas propriedades, e que estas são intrínsecas dela, quando em rigor, são modos de ser da sensibilidade e da organização de vocês? Já estão vendo, esse manuseado aforismo de Aristóteles citado por vocês a cada passo, que diz que nada existe no entendimento que antes não exista nos sentidos, é incompleto para se construir com ele ciência alguma; falta nele aquilo que acrescentou Leibniz quando disse, nada existe no entendimento que não tenha passado pelos sentidos, exceto o próprio entendimento. Isto quer dizer que a noção da inteligência não é adquirida pelos sentidos e que essa noção, que constitui a filosofia propriamente dita, é indispensável para a construção da ciência.

Se vocês não conhecem a matéria, e nem sequer sabem o que seja

isso que chamam de suas propriedades; se não sabem o que são forças, porque assim o declararam; e se, além disso, não estão sequer de acordo sobre os princípios da sua doutrina, como é que dizem vir aqui em nome da escola materialista? Quem diz escola, diz dogma, unidade de sistema, de leis e de princípios; e vocês não têm um dogma em comum, não aceitam os mesmos fatos, não teorizam esses fatos do mesmo modo, o seu critério é individual, vocês são empíricos e ecléticos, e trazem para o debate apenas as suas opiniões pessoais. Então, vocês não são os representantes de uma escola, e sim de suas ideias particulares, existindo uniformidade apenas em seus grandes erros. E, que não conhecem o materialismo moderno, eu o demonstrarei a vocês muito em breve, ensinando-lhes muitas coisas que dissestes ignorar, como a matéria – a força, a eletricidade, o magnetismo, o lumínico e o calórico, visto que manifestaram desconhecer o que sejam esses agentes imponderáveis ou dinâmicos. Mas antes de expor a doutrina materialista admitida pela ciência moderna, e aceita pela escola espírita como parte integrante e do conjunto dos seus princípios fundamentais, vou responder uma sua pergunta, que repetidamente nos têm dirigido pensando que íamos ficar esmagados com ela, e que não teríamos como responder, vislumbrando nisso o triunfo das suas opiniões. Refiro-me ao problema proposto por vocês; com muito empenho em que disséssemos se a força é unida ou separada da matéria; e lembro a vocês que disseram não saber o que seriam as forças, e que, além disso, acabo de demonstrar que também desconhecem o que seja a matéria primitiva, tal como ela era antes da formação dos corpos. Pois bem, segundo as nossas ideias, a força é inseparável da matéria; mas se vocês entendem por matéria o que é ponderável, o que impressiona os seus sentidos, então a força está separada dessa matéria. Observem como as forças se separam e se isolam do que

vocês chamam de matéria, e como elas alcançam uma maior extensão do que aquelas do corpo ou da matéria que as contém. Se com uma barra de ferro magnetizada é possível atrair agulhas colocadas a vários centímetros de distância, é claro que do pólo norte do ímã até as agulhas existe um espaço não ocupado pela matéria ferro, mas sim pela força: logo, essa força está fora do ferro que a contém. A mesma coisa acontece com a força de atração planetária; o Sol envia essa força até os mais longínquos planetas, como aquela que a Terra exerce sobre a Lua; e apesar das distâncias entre esses corpos, a força enlaça-os e toca-os sem existir contato entre a matéria ponderável deles. Aqui estão exemplos irrecusáveis e bem explícitos de que as forças podem estar, e de fato estão, separadas daquilo que vocês chamam de matéria. Porém, como nós, e conosco a ciência moderna que vocês desconhecem, faz uma distinção necessária entre corpos e matéria, chamando com esse nome a substância primitiva, a matéria caótica, o primeiro modo de existência dela antes de haver corpo algum, daí admitirmos que a força vai sempre unida a essa matéria primitiva ou cósmica, porque é ela a própria força, já que as forças não são outra coisa além dos seus vários modos de movimento. (Muito bem!).

Para compreender todos os fatos da criação, para investigar as leis e as forças é preciso se remontar à origem do Cosmos, e não tomar como ponto de partida um fato qualquer da longa série de acontecimentos já realizados desde o início dos tempos. Se pretendêssemos estudar todas as evoluções já sofridas por este planeta, seria preciso ir retrocedendo por todas as eras geológicas, atravessando desde a época moderna e pelas que deram lugar aos terrenos terciários, secundários e primitivos, e ir além dos silúricos, até um período anterior a toda formação sólida e líquida, sem organizações, sem rochas, sem águas, sem corpos compostos e nem

sequer simples; a um período onde o globo era uma massa gasosa ígnea. E ainda houve um período anterior, quando em vez de uma massa já aglomerada, era um anel em torno do Sol, porque todos os sistemas planetários foram inicialmente uma grande aglomeração de matéria cósmica, separada da totalidade que preenche todos os espaços, e depois, feito um ponto central para suas evoluções, formaram-se imensos anéis concêntricos, que recolhendo-se seguidamente sobre si mesmos e ao redor de outro centro de seus movimentos, foram ficando reduzidos a globos ou esferóides, que continuam girando em suas respectivas órbitas ao redor de um centro comum ou do seu respectivo sol, do mesmo modo que os satélites giram ao redor de seus planetas, dos quais foram, por sua vez, anéis gasosos lá naquelas épocas das primeiras formações do sistema planetário. Essa matéria-prima, que constitui a nebulosa, e mais tarde a individualização dos corpos estelares, matéria homogênea e portanto a mesma que ficou para organizar o sol que, para cada um dos planetas que consigo arrasta, essa é a matéria cósmica, que vocês dizem não saber o que seja, manifestando estranheza até do nome que nós damos a ela.

Agora, é preciso convirmos em que houve um tempo anterior a todos os mundos e a todos os sistemas planetários, um tempo anterior a toda a criação, no qual não se concebe outra coisa além dessa matéria cósmica informe preenchendo tudo, matéria imparticulada, impossível de ser reduzida a átomos ou moléculas, mais sutil do que os fluidos imponderáveis que conhecemos; e não existindo outra coisa além dessa substância, tudo o que existe saiu dela e é ela própria.

Se vocês suscitarem agora a questão de se essa matéria, origem de todos os mundos, é eterna ou foi criada, responderei francamente que não sei; e não é que me assuste esse pretendido axioma que diz:

do nada, nada se faz, porque a inteligência suprema pode ter criado essa matéria por sua vontade, tirando-a do nada. Devo dizer que eu tenho a crença de que essa matéria cósmica é eterna e faz parte da própria essência da causa primeira incriada, que chamamos de inteligência absoluta, porque não compreendo nada fora dela e que não tenha saído da sua própria essência. Porém, qualquer opinião que se tivesse sobre a origem dessa matéria cósmica, não desvirtua a explicação que estou dando sobre ela e sobre as forças, das quais já é tempo que eu fale alguma coisa.

Força nada mais é do que o movimento da matéria cósmica, e o movimento é essencial nela, e por essa razão a matéria está em incessante movimento. Então, a matéria cósmica é ao mesmo tempo força e matéria, e se a chamássemos apenas de força, emitiríamos um conceito completo e exato. Enquanto essa força não se determinar em movimentos que nela produzem equilíbrio, não nascerá a matéria ponderável; porém, quando essa matéria força que chamamos de cósmica, evolui de modo a se encontrar e neutralizar em suas direções, forma-se uma equação de movimentos, cuja resultante é uma polarização determinada, e aparecem os primeiros átomos da matéria ponderável. Por essa razão, todo corpo grande ou pequeno é constituído pelas duas forças centrípeta e centrífuga; e se desaparecer esse antagonismo de movimento, o corpo resolve-se em matéria cósmica ou em força pura. Então, a matéria ponderável é o encontro de dois movimentos opostos da força universal cosmogônica. Porém essa força, existente em todas as coisas, não tem solução de continuidade, encontrando-se unida a toda a matéria cósmica do universo. Desse modo, tanto as grandes massas de matéria ponderável, quanto os pequenos corpos, como também as moléculas e átomos de todos eles, estão envolvidos por uma atmosfera de força ou de matéria cósmica que é contínua com toda

aquela que preenche a imensidão do espaço. Vejam, então, como a força vai sempre unida à matéria, e como a matéria primitiva é também a própria força ela mesma; porém, desde que pela neutralização ou equilíbrio de seus movimentos é transformada em matéria ponderável, deixa de ser força, porém sendo continuada com a força ou com a matéria cósmica da qual é formada. Vejam também como é uma verdade aquilo que já falei em outras ocasiões: que todas as criações nada mais são do que produto de forças e transformações dessas mesmas forças.

Agora, vocês desejam saber o que são esses agentes dinâmicos, calórico, lumínico, elétrico e magnético, e muitos outros da mesma categoria, que desconhecemos? Pois bem, eles não são outra coisa além de intensidades de movimentos da matéria cósmica, isto é, a força única movimentando-se com velocidades várias, sendo o menor movimento aquela chamado de calórico; uma maior rapidez, a luz; mais ainda, a eletricidade; e outra ainda maior, o magnetismo. Tudo isso não é invenção minha; é o materialismo moderno que vocês desconhecem e que nós aceitamos, porque é uma das fases da criação estudadas pelo espiritismo. Esta é a doutrina de Descartes, de Laplace, de Cuvier, de Flammarrion, do P. Sechi, de Humboldt, e de todos os pensadores modernos que têm estudado a natureza. Por isso Cuvier disse que a matéria era o sustentáculo das forças, como Arago dizia que a matéria passa e as forças permanecem. Se, pois, vocês mesmos não conhecem a própria doutrina que vieram defender; se ignoram o materialismo moderno, com quais direitos científicos impugnam o espiritismo? A contradição, se existir, entre as ciências positivas e o espiritismo, será com o seu antiquado materialismo; mas não com esse que hoje a ciência está admitindo.

Vocês têm visto a base do nosso materialismo, a noção da matéria força, com a qual todas as criações ficam explicadas, tanto a

formação e as múltiplas fases desses milhões de corpos que no espaço giram, quanto de todos os corpos orgânicos ou inorgânicos que já se desenvolveram em cada mundo ou em cada planeta. E olhem como o espiritismo explica pela matéria e as forças todo o material da criação, sem atribuir, como entendeu o Sr. Capdevilla, ao espírito individualizado a elaboração direta de tudo aquilo que é ponderável e orgânico. E além disso, não precisa multiplicar as forças e nem as matérias, como no sistema materialista que vocês vêm sustentando nestas sessões; o qual consiste em que também confundem e fazem serem sinônimas as leis e as forças, sendo que uma coisa é a lei, e outra é a força. Por isso eu assentei aqui proposições das quais algumas pessoas se admiraram, como quando eu disse que não existia a força de atração. A força é sempre um movimento da matéria cósmica, ou a matéria cósmica se movimentando em intensidade e direção determinadas; e as leis são as regras a que se sujeitam as forças nas diferentes condições em meio às quais se exercitam, e que por tanto determinam sua evolução e seus produtos. Então, a atração não é, em rigor, uma força, e sim uma lei que regula e ordena os movimentos da matéria.

Com este critério age o materialismo moderno, e explica com uma força única e uma matéria também única todos os fatos do mundo material, estudando e investigando as leis múltiplas a que a matéria se acomoda por condições que surgem das suas próprias e sucessivas evoluções. Estuda e explica toda a vida orgânica, como também a inorgânica, e vê que são individualizações da vida universal, porque a vida é o movimento, é a força, e em toda a parte existe força e movimento, e por tanto, existe vida.

Porém eu disse que essa matéria força fazia parte da própria essência do ser absoluto, ou, em outras palavras, que os movimentos e os produtos dessa matéria são feitos com base em um plano, uma



previsão, uma ordem, que aparecem assim no conjunto dos detalhes, e portanto carregam o selo de uma inteligência: então, a matéria força é a emanção de uma inteligência única e universal, e tudo aquilo que ela é, tudo aquilo que ela faz, e tudo aquilo que resulta dessa matéria, é impulsionado e dirigido por essa inteligência, que foi combinado chamar de Deus.

Vocês não acreditam nesse Deus, que como podem ver, não é o Deus das religiões positivas, e sim o Deus da ciência; e também não acreditam no espírito humano, porque não conseguem achar sua demonstração material ao modo das demonstrações da física ou da química para algumas verdades de fatos experimentais. Com certeza, para acreditarem em Deus e no espírito, vocês precisam que eles sejam apresentados dentro de um tubo de ensaio, ou no porta-objetos de um microscópio. Se alguém dissesse, olhem este líquido contido nesse tubo; colocando nele algumas gotas de ácido, acontece uma coloração cor de rosa, cuja presença é Deus; ou com ácido nítrico, por exemplo, obtém-se um precipitado azul, que é o espírito, ah! então admitiriam a existência desses seres, porque eram demonstrados pelos métodos de vocês. Ou então, se alguém fizesse vocês olharem uma célula no microscópio, agitando-se de um lado para outro como uma bactéria, e falasse que aquilo era Deus ou o espírito, também não teriam inconveniente em admiti-lo, visto ser muito comum ouvir vocês dizendo que negam a existência da alma, porque nunca a encontraram com o escalpelo nas suas dissecções. (Aplausos).

Mas não, vocês não encontrarão jamais Deus ou o espírito com esses processos, e nem os verão aparecerem sob os reativos em um tubo de ensaio, nem se apresentarem sob o objetivo de um microscópio, porque cada ordem de conhecimentos exige um processo diferente para se chegar à sua posse ou demonstração. Se

um químico se empenhasse em comprovar os equivalentes das combinações com a geometria, e resolver com problemas de paralelas, triângulos, etc., a formação da água, de um sulfureto de ferro, de uma reação entre o nitrato de prata e o cloreto de cálcio, ele não alcançaria seu objetivo, e só falaria bobagens. Se, por sua vez, o geômetra tivesse a teimosia de nos demonstrar um teorema qualquer com a botânica, e acomodar as demonstrações à classificação das plantas, incluindo os triângulos, os polígonos e as curvas nas famílias de Lineu ou de Jussieu, jamais conseguiria convencer ninguém das verdades da sua ciência. Pois do mesmo modo, a realidade da existência de Deus e do espírito não deve ser buscada na química, na física ou na anatomia, porque não serão encontradas com o escalpelo, com a lente ou com o reativo, ao menos da maneira palpável que vocês desejam, por mais que Deus esteja em toda a parte, e apesar de os míopes não o enxergarem em nenhuma. Mas, procurem Deus e busquem o espírito nas mesmas leis dessas ciências, no estudo de todos os fenômenos do universo, na contemplação das obras da natureza, e então verão Deus em toda a parte, e a inteligência admirando-o por onde forem. Naquilo onde vocês não querem enxergar nada além da obra do acaso, das combinações dos átomos, propriedades intrínsecas da matéria, resplandece, no entanto, uma ordem admirável, uma previsão soberana, um calculado objetivo, coisas todas elas que saem da esfera da matéria e das combinações de seus átomos. E mesmo que, em efeito, tudo o que acontece no universo, tudo o que há de mais grandioso na mecânica celeste, todas as maravilhas que revela a organização e a vida, tudo o que há de sublime e que admiramos nos fatos de inteligência e de consciência nos seres, fosse produto da matéria, e apenas propriedades dela, ainda caberia perguntar: por quê a matéria possui essas propriedades? Por quê em suas

combinações deu origem a esses gigantes corpos celestes que giram ao redor de centros de atração? Por quê eles não colidem no cruzamento das suas órbitas? Por quê essa previsão de todos seus movimentos? Por quê esses magníficos planetas ficaram cobertos do verde das plantas, das vivas cores das rosas, dos organismos animais, e por quê a matéria, combinando-se, chega a produzir o pensamento e tantas ideias de ciências, moral e beleza, que palpitam na massa encefálica do homem? Se a matéria, ela mesma, foi quem se dotou dessas propriedades, dessas forças e dessas leis, vocês terão de convir comigo em que ela é sábia, inteligente, previsora, que se impulsiona a si própria rumo a um objeto ou destino calculado de antemão; e que, cada vez que em alguma das suas combinações ela chega a desenvolver individualmente a inteligência, os átomos ou as combinações que a representam, elas existem e devem adquirir caráter permanente, porque em se descompondo a organização na qual foram desenvolvidos os tecidos, eles serão desagregados e voltarão ao reino mineral; porém essa segregação elétrica que vocês imaginam, esse fluido magnético que, segundo vocês, é o próprio pensamento, a inteligência do indivíduo, seria irreduzível aos sais, aos óxidos e aos gases da organização putrefata; e deveria continuar sendo inteligente e com ideias o fluido imponderável onde vocês julgam existir o pensamento, a razão e a consciência. Então, da própria doutrina de vocês destaca-se uma inteligência absoluta, suprema, conjunto de todas as leis da criação, infinitamente sábia, todo-poderosa, fonte de tudo o que existe; e além disso, um produto inteligente também, imperecível, que do seio da natureza veio a se elaborar em um organismo para a ela voltar com as modificações adquiridas nele. À revelia de vocês, Deus e o espírito brotam das próprias afirmações que vocês fazem. O que significa, então, essa bandeira erguida com o lema de guerra a Deus, se todas as pesquisas

que vocês amontoam como elementos para destruí-lo servem apenas para demonstrar a sua existência? (Prolongados aplausos).

Quando vocês quiserem adquirir as nossas convicções, não foquem apenas em um só grupo de fatos; examinem o conjunto do Cosmos, comecem pelo princípio, e acompanhem todas as evoluções da matéria; e verão que no fenômeno inicial, e no final de todos eles, como também em todos aqueles que constituem sua série infinita, Deus é encontrado revelando-se na atração universal, nas afinidades, nas cristalizações, na célula orgânica, na reprodução dos seres e nos fatos de sentimento, de inteligência e de consciência. Já vimos que a matéria à qual vocês se referem quando pretendem explicar tudo por meio dela, é um elemento passivo, produto da força, e que as diversas e múltiplas formas que atinge são, do mesmo modo, o resultado da modificação das forças. Então vocês raciocinam com inversão da lógica quando estabelecem como propriedades da matéria aquilo que não é intrínseco a ela, nem é da sua essência.

Meditem sobre a formação dos mundos, de um sistema solar, no modo como a matéria cósmica foi sendo aglomerada em corpos esferóides que giram ao redor de um centro, e a regularidade, precisão e harmonia de todos seus movimentos, coisas que não são produto do acaso, e sim de forças e leis anteriores à matéria, que pertencem a uma essência inteligente e previsora. Pensem por um momento no modo como a matéria tem evoluído em um planeta qualquer, o nosso, por exemplo, sendo condensados aqueles elementos que estavam em estado gasiforme no princípio, para dar lugar à crosta sólida, tênue película primeiro e engrossada com o trabalho dos séculos, mas que apenas atinge ainda uma espessura de 20 léguas de profundidade. Vejam os ensinamentos da geologia que tem decifrado esses hieróglifos traçados nas rochas, no transtorno dos sedimentos e nos restos fósseis encontrados nos diversos

terrenos, e as verdades descobertas a favor dessa ciência sobre a formação dos seres orgânicos, as espécies que foram aparecendo em cada época geológica, sempre de um modo progressivo até chegar ao homem, e ficarão convencidos de que nessa portentosa obra da natureza existe muito mais do que fortuitas combinações de átomos, existe a intervenção de um elemento inteligente que submeteu a certas leis essas combinações e esses organismos, observando em tudo isso um objetivo calculado e previsto.

Vejam com quanta ordem, com quanta previsão foram aparecendo espécies de animais e vegetais nas águas e nos continentes, harmoniosamente com os elementos do meio no qual surgiam e das circunstâncias que os cercavam; vejam como têm se reproduzido e metamorfoseado umas em outras, até chegar ao nosso planeta a espécie humana, que hoje é a mais perfeita dentre as que foram criadas, sendo permitido imaginar com fundamento que ainda está por vir uma outra mais progressiva, outra espécie superior à humanidade atual, com um organismo mais perfeito, adequado às futuras condições do globo, e com uma razão ou espírito também mais perfeito em harmonia com a organização que virá a se desenvolver.

Se vocês tentarem explicar tudo isto com a matéria e com as leis físicas e químicas, não teriam nada além de combinações de átomos, corpos mais ou menos compostos; no entanto, com o critério e o método de vocês, não é dada a razão dos fenômenos saídos da esfera da extensão e das afinidades; não é explicada satisfatoriamente a vida, nem a diferença entre o cadáver e o organismo vivente e animado, nem o porquê dos tipos das espécies, nem os caracteres delas e dos indivíduos de que estão formadas, nem é dada a razão do crescimento, das idades, do término fatal da existência, dos mistérios da procriação, a cujo ato concorrem os seres para cumprir um

destino da natureza, como instrumentos cegos de seus desígnios.

Se vocês se detiverem na contemplação de algum dos mais insignificantes dentre os seres orgânicos, quanto instinto e quanta inteligência irão descobrir no diminuto cérebro da abelha! Quanto instinto e quanta inteligência no cérebro globular da formiga! Será que ainda não dá para vocês enxergarem Deus?... ainda duvidam da sua existência?... Vejam Deus destacando-se em todas as coisas, porque Deus não é um mito, não é uma hipótese, mas sim um fato, Ele é todos os fatos, todas as existências, a razão e a causa das criações e a própria essência delas. (Aplausos).

Vocês pretendem se entrincheirar em seus conhecimentos anatômicos e fisiológicos? Tudo bem. Pensam que pelo fato de explicarem pela mecânica, a física e a química o aspecto material das funções orgânicas, já disseram a última palavra da ciência, e que toda ela está contida no perímetro que vocês traçaram para ela? Admitimos todos os progressos da histologia, não vamos recusar a vossa fisiologia experimental e aceitamos as vossas teorias para explicar as funções dos órgãos. Porém, notem que ainda resta muito por conhecer, o qual está fora das vossas explicações e das leis às quais vocês pretendem sujeitar a vida. O homem, vocês dizem, não é mais do que um conjunto de células, sua organização não é outra coisa além da multiplicação ou proliferação de uma célula primitiva desprendida do óvulo materno. O fato anatômico e fisiológico é verdadeiro, porém remontem um pouco seu pensamento, e vejam essa tênue vesícula de Graaf, na qual não encontrarão outra coisa além de alguns átomos de albumina, e que sob a impulsão do húbmus fecundante dilata-se e multiplica-se em outras células, que a seguir se transformam em um filamento nem bem visível, como a ponta de um fio, envolto em uma gota de líquido transparente e coberto todo ele de uma película tênue, insignificante tudo isso do ponto de vista

anatômico, fisiológico e químico; e, no entanto, grande e admirável em outros aspectos, porque nesse filamento estão contidos inteiramente os germes de um completo organismo, como estão contidas no ovo as cores das penas das aves, e na criança os germes dos dentes e da barba; maravilhoso e grande, porque nessa diminuta célula encontra-se talvez o germe de um poderoso cérebro e já está em organização aquele que um dia será um Sócrates, um Galileu, um Newton, um Laplace, um Castelar ou um Victor Hugo. (Grandes aplausos).

Nesses mesmos fenômenos da embriogenia humana, nós vemos sempre a intervenção da inteligência suprema, e fatos que estão muito acima da física e da química e das raquíticas esferas onde vocês encerram o seu mesquinho saber. Vejam como vai se desenvolvendo essa célula germinativa, como vai sendo traçada a medula espinhal, o cérebro, as extremidades e todos os órgãos; contemplem esse notável fenômeno de ir apresentando, o embrião e o feto em seus diversos tempos de desenvolvimento, semelhanças com organizações de outras espécies inferiores, de peixe, de réptil, de ave e de mamífero, como uma lembrança da natureza sobre a passagem por toda a escala zoológica antes de chegar a se transformar em organismo humano. Acontece que a matéria, como o espírito, vêm seguindo um caminho paralelo e progressivo.

O simples desenvolvimento do feto, seu funcionamento harmonioso com o meio onde vive, as mudanças orgânicas e fisiológicas que vão surgindo na mãe para alimentar o novo ser, primeiro com o seu próprio sangue, e depois com o suco produzido em outros órgãos que só é elaborado no momento necessário e exato; o instinto do recém nascido que busca seu alimento e executa movimentos de sucção sem que ninguém lhe tivesse ensinado o mecanismo que esse ato precisa; esses outros movimentos também

instintivos e sem ensinamento prévio, de colocar as mãos para suavizar a batida em suas quedas, quando as crianças começam a andar, as sensações internas que nos impulsionam a satisfazer as necessidades para a conservação da vida; essa precisão e harmonia nos atos de todas as funções, a repugnância às coisas nocivas nos estados doentes; os apetites em certos doentes de coisas proveitosas que a ciência nem adivinha e nem consentiria; os movimentos críticos, as curações espontâneas, e uma porção de fenômenos de ordem fisiológico, que estão fora das leis da mecânica, da física e da química. Se nada houvesse além disso, ainda no simples fato do crescimento veríamos a matéria seguindo o impulso recebido, e o crescimento seria indefinido durante a existência inteira. Dada uma doença, não haveria curação espontânea possível, e a cura seria sempre consequência da arte de curar; porém, as curas espontâneas existem impulsionadas por uma causa autodinâmica e final que dirige o organismo, que não está subordinada às forças mecânicas, físicas ou químicas. Então, não basta só a matéria e suas forças para explicar e compreender de um modo perfeito a organização e todos os atos fisiológicos, como vocês acabaram de ver nessas leves considerações, sem mergulharmos em outras mais profundas sobre a procriação das espécies, dos seus tipos primitivos, do que é reproduzido nos indivíduos pertencente à sua espécie, e outras ainda mais portentosas que por toda a parte a natureza nos oferece para nos demonstrar, a cada passo, que essas leis a que vocês desejam reduzir toda a criação, longe de serem as primordiais e gerais, são apenas pequenas fagulhas de outras superiores que abrangem um maior número de fenômenos, e que a causa, a razão e a essência da vossa ciência fisiológica são encontradas em outra ciência mais absoluta, na ciência do conhecimento do Ser, do conhecimento de Deus e do espírito.



Vejam como o espiritismo não somente está em pugna com o materialismo e as ciências naturais, mas abrange, em seu estudo, todos esses árduos problemas indicados e completa-se com esses mesmos fatos; assim como a ciência biológica precisa, para se fazer por inteiro compreensível, da intervenção do elemento espiritual. Pouco importa, então, que vocês lancem mão da moderna teoria celular, e digam com Virchow que o homem não é mais do que um conjunto de células, que a nutrição é a geração delas, como a procriação é também outra multiplicação ou proliferação de células equivalente à nutrição da espécie. E mesmo que vocês soubessem, porque não sabem, o modo de fabricar essas células, e as elaborassem nos seus gabinetes de química, e tivessem o perfeito conhecimento dos componentes delas, ainda estaria faltando a razão de se terem associado as células desse modo e não de outro qualquer, para constituir os organismos sujeitos a tipos específicos que se reproduzem nos indivíduos de cada espécie. E mesmo, também, que vocês admitissem a hipótese da unidade zoológica ou orgânica e a doutrina das transmutações; isto é, que os elementos químicos reuniram-se sob a influência de determinadas condições, dando lugar a células orgânicas que constituíram matéria orgânica amorfa e os primeiros seres orgânicos que povoaram a terra e as águas, os quais foram sofrendo metamorfoses com as sucessivas mudanças telúricas, de tal modo que chegaram a se diferenciar tanto daqueles das épocas passadas, ao ponto de constituírem uma nova espécie; e que portanto, tendo existido uma primeira geração espontânea para a matéria orgânica primitiva, plasma originário de onde saíram os primeiros e mais simples organismos, isto somente provaria que não houve nada além de mutações nos seres para se acomodarem às sucessivas modificações do globo; sendo cada espécie uma transformação de outra espécie inferior até chegar à

espécie humana, que apenas é um metamorfismo dos símios. Esta hipótese, que eu aceito como sendo a mais racional dentre todas as formuladas, não é contrária, no entanto, às doutrinas espíritas, sendo que está em harmonia com elas e com a noção das evoluções do princípio inteligente, através de muitos organismos em uma série sempre progressiva. É bom que o espiritualismo católico rejeite e anatematize essas ideias da ciência moderna; porém esse espiritualismo não é o nosso, o qual não encerramos em nenhum dogma, e sim nas descobertas científicas e no critério racionalista. Porém o materialismo estreito que vocês admitem não fornece, com seus métodos e leis, a razão dessas criações e desses metamorfismos dos seres para irem passando a partir da primeira célula orgânica até a complexa anatomia do homem. Justamente nesses mesmos fatos nós nos baseamos para admitir a intervenção de uma inteligência e de uma providência que organizaram as coisas com tanta sabedoria, dotando a matéria de propriedades e de forças, com o fim de que, com tanta ordem e harmonia, continuasse, conforme os tempos e as circunstâncias, desenvolvendo o reino orgânico, de tal modo que aqueles que constituíram as primeiras espécies estavam em germe nos órgãos que iriam aparecer em outros tempos para dar lugar a espécies novas. Para aceitarmos esta doutrina não é preciso sermos materialistas, já que o espiritismo as aceita e as explica, do mesmo modo que entende também que surgiram muitos homens em diferentes regiões do globo por metamorfismo de indivíduos da espécie imediatamente inferior, e essa é a origem das diversas raças humanas. Tudo isto é da mais alta razão, reconhece uma causa previsor e inteligente que assim impulsiona os elementos da criação rumo a um objetivo determinado; e tais evoluções na matéria foram necessárias para a evolução do espírito e para a sua individualização, sendo ele mesmo o impulsor de todos os fenômenos materiais

indispensáveis para o seu aprimoramento. Da mesma maneira salta à vista não estarem em jogo tão somente as leis da mecânica e da química, e sim entrarem por muito outras forças e outras leis, que constituem toda uma ciência nova, o dinamismo universal ao qual tudo se encontra sujeito, e as forças psíquicas, que são elementos intrínsecos da criação inteira, negligenciados ou desprezados por vocês, e com os quais o espiritismo veio completar a ciência. Mesmo quando vocês somente se detivessem em contemplar a diferença entre o ser vivo e o cadáver, deveria isto ser o suficiente para compreenderem que existe algo mais além da matéria e os tecidos na organização animada. E não argumentem que os destroços dos órgãos foram a causa da morte, porque sabem muito bem que há cadáveres cujos órgãos estão em maior integridade que aqueles de muitos doentes e mesmo de pessoas que passam por sadias. Vocês sabem muito bem que em certas mortes súbitas, e em aquelas que acontecem sob a influência de uma impressão moral, por exemplo, nada é revelado pela autópsia, e que o encéfalo e o sistema nervoso estão mais completos do que em alguém que vive com um foco apoplético ou um amolecimento cerebral; que os pulmões, o coração, o estômago, etc., encontram-se em uma mais perfeita integridade do que os órgãos de alguém que vive com uma tuberculose, um aneurisma ou um tumor.

Se o estudo da organização não nos leva às conclusões de vocês, a verdade do espiritualismo ainda aparecerá como mais evidente se nos detivermos em apreciar a maneira como vocês pretendem explicar, pela física e a química, os fatos intelectuais e morais. Duas opiniões vocês já emitiram sobre a questão no transcurso do debate: uma, que reduz tudo à eletricidade, segundo a qual, as ideias, o pensamento e a consciência são apenas movimentos desse fluido; outra, que explica os fenômenos intelectuais pelo mecanismo das

células encefálicas, encarregadas da função de pensar, como as células do fígado formam bile e glicose. Além de que nenhuma dessas teorias descansa sobre fatos, e de serem apenas hipóteses mais ou menos engenhosas, os seus autores estão faltando ao método e ao critério que dizem seguir na pesquisa da verdade, e surge desde já a dúvida de que essa eletricidade suscetível de inteligência seja formada pelo organismo e nem sequer pelo cérebro, porque ela pertence aos agentes dinâmicos ou forças universais da natureza, de onde é tomada pelas organizações, e portanto estas são apenas a condição para que essa eletricidade desenvolva a inteligência, que é uma propriedade essencial sua. E como a eletricidade, assim considerada, existe fora das organizações e, em saindo delas, aquela parte que as animava retorna ao seu foco comum, porque é irreduzível a outros elementos, diferentemente daqueles que se descompõem quando surge a putrefação cadavérica, acontece que estes materialistas aceitam um princípio que tem a propriedade de desenvolver inteligência, e que é diferente dos outros elementos químicos e orgânicos de cada corpo vivente; e dá-se a circunstância de que não há como não declarar a sua sobrevivência, visto não se reduzir ao nada com a morte nem se resolver em outros elementos. Admitem, então, uma alma material e são panteístas materialistas.

Cada ideia, e portanto cada percepção, cada comparação, cada raciocínio e cada pensamento, nada seriam além de tensões elétricas distintas, acontecidas na eletricidade cerebral. Como são tantos e tão variados os pensamentos que se agitam e se sucedem no cérebro humano, em aparecendo um, outro deve se apagar, e assim não existiria nunca a permanência de conhecimentos, porque eles estariam sujeitos às incessantes e variadas tensões elétricas pelas quais são gerados.

Não há como admitir, com essa teoria, a identidade do eu pensante,

e nem ele seria diferenciado das próprias ideias. Porém, cada homem sabe distinguir sua personalidade dos seus pensamentos em si mesmo, e tem a convicção de que estes são produto de uma força que constitui a essência do seu próprio ser.

Também não existiriam as lembranças, porque uma vez passada a tensão elétrica, a ideia que a produziu seria apagada, e para tornar a obtê-la seriam necessárias umas circunstâncias iguais àquelas em que se achava o cérebro ao momento de adquiri-la pela primeira vez. Todos os nossos atos intelectuais e morais seriam Irremissivelmente fatais, porque, se a eletricidade cerebral é a atração da matéria organizada, como o Sr. Vinader fala, e ela obedece a leis físicas e químicas, não pode cair sob o domínio da vontade, desaparece o livre-arbítrio, e não existe mérito ou demérito nos atos humanos, os quais não seriam bons nem maus, e portanto, nenhuma responsabilidade existiria por eles. Sendo assim, aquelas passagens dos meus discursos desta e de outras noites, que o Sr. Capdevilla achou excessivamente satíricos, são a consequência necessária e fatal da tensão elétrica do meu cérebro, ou do movimento que as células desse órgão adotam, sobre cujo fenômeno o meu livre-arbítrio não teria qualquer influência. Daí que, sem eu querer, estou elaborando pensamentos alcalinos ou ácidos, irritantes e cáusticos para a suscetibilidade de S. S., que talvez possa achar epigramático tudo isso que eu acabo de dizer. Mas é que comigo acontece, com o epigrama, a mesma coisa que acontecia ao Virgílio com seus versos. Ele jurava ao pai que não tornaria a compor mais nenhum, e a promessa era feita com um dístico naquele *juro juro pater nunquam componere versus*. Comigo também acontece que faço propósitos de não ser epigramático, porém é possível, talvez, me escapar algum epigrama, porque existem coisas que não merecem outra melhor impugnação. (Risos).

E dada essa desculpa, com a mesma doutrina materialista sobre a minha irresponsabilidade por aquilo que pudesse mortificar os partidários dela, torno ao meu anterior assunto para examinar a hipótese que faz consistir o pensamento em atos da matéria cerebral, os quais, ou deverão ser fenômenos elétricos, cuja teoria acabo de refutar, ou então movimentos das suas células, dependendo a maior força da inteligência, da quantidade de massa encefálica, ou da espessura dessas células, ou de que elas contenham uma maior proporção de fósforo ou de gordura fosforada, etc. Qualquer um que fosse o elemento, dentre esses, onde vocês pretendessem radicar os atos intelectuais, aconteceria o que eu já disse em outra ocasião: isto é, que renovando-se com frequência a substância do cérebro, não pode existir a identidade do eu pensante, e nem são possíveis as lembranças, porque as ideias irão embora com as moléculas que continuamente estão se desagregando. Conforme essa doutrina são também impossíveis as ideias abstratas, e todas aquelas que excedem os limites das impressões que as suscitam. De quais fenômenos químicos, orgânicos ou elétricos surgiriam as ideias do tipo do que é justo e do que é belo? Além disso, o talento estaria em razão direta da massa encefálica e da organização vigorosa. Porém é fato que existem poderosas inteligências em homens de cabeça pequena e de constituição fraca e doentia.

Também, o vigor do entendimento seria mais forte em pessoas bem alimentadas, o qual nem sempre é exato, e até costuma acontecer o contrário. Não creiam por isso que negamos os fatos citados nos discursos de vocês. Admitimos as relações que vocês enumeram entre a inteligência e o cérebro, a importância de suas circunvoluções, da quantidade de substância cinzenta, a relação entre as ideias e as doenças; sabemos que existem narcóticos que apagam os atos da razão; que existem apoplexias e amolecimentos

cerebrais que mergulham o indivíduo no entorpecimento e na imbecilidade; que é possível cortarem capas de massa encefálica e irem destruindo desse modo a inteligência como desejarem; sabemos finalmente, tudo o que a frenologia ensina, e não rejeitamos nada dos avanços positivos das ciências biológicas. Porém não extraímos delas as mesmas consequências que vocês extraem, como também não afirmaríamos que as condições de um piano desenvolviam ou anulavam a arte musical daquele que o tocasse, pois mesmo sendo um excelente professor, se vocês fossem retirando cordas do instrumento, ele iria perdendo sons e harmonia até ser reduzido ao silêncio, sem por isso ter destruído a inteligência e as faculdades do maestro. O cérebro é o instrumento do espírito, a favor do qual recebe as impressões que os sentidos recolhem, e realiza suas manifestações fazendo que ele sirva à sua razão e vontade; e esse fluido elétrico do Sr. Vinader é o perispírito de que fala a nossa escola, o qual reúne as propriedades disso que chamamos de eletricidade, magnetismo, lumínico, calórico e fluido vital ou nervoso, sendo o elemento material para as relações entre o espírito e a organização; suas vibrações são, de fato, necessárias para que o mundo exterior possa se comunicar com o espírito e para que este forme as suas ideias, realizando-se tudo isso em determinados estados sem necessidade da organização material. É, pois, esse fluido o condutor das impressões e o veículo da vontade; porém a razão, a inteligência e a consciência encontram-se naquilo que constitui a parte essencial e fundamental do fluido, na alma, ou se vocês não gostarem desse nome, em uma força, que poderão chamar de psíquica ou como melhor lhes parecer, como já começaram a fazer certos homens de estudo profundo, que, não sendo espíritas mas não podendo negar os fatos, nem dar explicação deles pelas forças e leis físicas e químicas, pretendem acrescentar mais uma força às

dinâmicas do universo, e chamam de psíquica àquela que é a produtora de todos os fenômenos de ordem intelectual e moral. Por esse caminho eles chegarão, sem dúvida, às nossas próprias conclusões, à admissão de toda a nossa doutrina, sem outra diferença além de designar com o nome de força psíquica aquilo que nós chamamos de espírito. Uma coisa é que a organização influa em todos os atos intelectuais e morais e que o mundo externo os suscite e modifique, e outra muito diferente é afirmar que a razão e a consciência não sejam outra coisa além de movimentos da matéria.

Se a razão humana fosse apenas uma propriedade do cérebro, iria resultar que não haveria um padrão a quem poderíamos referir o padrão de verdade, justiça e beleza, porque cada cérebro iria elaborar de modo diferente e em diversos graus as noções sobre esses objetos; e eu teria o direito de dizer a esses senhores materialistas que, tendo a frenologia e a cranioscopia me demonstrado que os seus cérebros são defeituosos, porque não estão desenvolvidos para a idealidade e nem para o talento metafísico, e preponderando muito em alguns deles o órgão da firmeza e do orgulho, eles são organicamente incapacitados para compreender o espiritualismo e o espiritismo. Na nossa doutrina, uma refratariedade tal explica-se de outro modo: é que o seu espírito não chegou ainda ao grau de perfeição suficiente para merecer a compreensão dessas santas noções; é, talvez, uma expiação, ou uma prova, pela sua soberba e orgulho de vidas anteriores, cujo caráter continua ainda marcado em sua atual existência orgânica; sendo por esse motivo ainda refratários a toda demonstração dessas verdades; não dão assentimento à teoria e nem aos fatos, porque a única verdade, a verdade absoluta está apenas em seus cérebros, a humanidade inteira tem estado vivendo e ainda vive no erro, menos eles, que sabem mais do que o próprio Deus, no caso de que



admitissem a existência desse Ser Supremo. (Muito bem!).

Olhem, senhores materialistas: a sua hipótese, porque não passa dessa categoria a tal doutrina, é insuficiente para construir a ciência psicológica, fica muito por baixo de todas as hipóteses espiritualistas, e apenas deve a vocês o fato de ter estudado um dos dois lados dessa questão complexa, o lado orgânico ou material, e através de cujo estudo, que nós admitimos, é completado o estudo da parte psíquica ou puramente anímica. O espiritismo, que toma de vocês os fatos referentes à organização, e dos espiritualistas os fatos intelectuais e morais, forma uma síntese perfeita, explicando as relações e harmonia entre espírito e matéria, e a parte que cada um desses elementos toma na vida e nas evoluções da razão.

Porém, a doutrina de vocês, repito, não satisfaz e nem dá resposta às dificuldades que surgem para compreender a identidade do eu pensante, a distinção que ele faz entre si mesmo e as ideias e pensamentos; não explica a memória e as lembranças, e muito menos as ideias abstratas, as ideias gerais e aquelas que constituem aquilo que chamamos de padrão no terreno da ciência, da moral e da arte, ou seja, as ideias típicas do que seja a verdade, a justiça e a beleza.

Com a doutrina de vocês não existe o livre-arbítrio, porque todos os atos humanos são a consequência fatal e necessária da organização de cada cérebro, dos elementos de que ele é formado, da maior ou menor quantidade de fósforo, de gordura, de albumina, ou de eletricidade existente neles; ou então do pronunciamento maior ou menor de tais ou quais pontos do encéfalo; e como o homem não faz seus próprios órgãos, como também não é responsável de possuir em seu cérebro mais ou menos quantidade de cada um dos elementos de que é formado, e nem de que essa pilha elétrica possua tensões fixas e não sujeitas à sua vontade, daí que, como falei antes,

todos os nossos atos são fatais e portanto irresponsáveis, como os atos do demente ou do idiota.

Essas são as consequências do materialismo. Com ele desaparece também a consciência, a moralidade fica sujeita às vantagens materiais e aos gozos que os nossos atos possam nos oferecer.

Por conseguinte, o justo fica sendo aquilo que é útil, e o egoísmo é o critério dos materialistas. Se não existe na organização um elemento superior a ela, que já viveu antes e viverá depois da existência material; se a nossa vida presente não se encontra entre duas eternidades; se nada fomos antes de nascer, e tudo fica terminado no túmulo, sendo quimera a sobrevivência do pensamento e das lembranças; então a verdadeira sabedoria consiste apenas em aprender a conservar com boa saúde e o maior tempo possível essa organização, em facilitarmos a nós mesmos muitas comodidades e prazeres, pouco importando os meios empregados para isso, pois desde que seja possível iludir as leis e punições da sociedade, o indivíduo deve ficar satisfeito conquistando o objetivo de fazer a vida mais duradoura, mais cômoda e mais agradável para si mesmo.

Os remorsos são uma preocupação, consequência da educação falsa que temos recebido, e um materialista ilustrado não deveria tê-los. O que importa o roubo, o assassinato, a injúria ou a calúnia, desde que esses meios lhe tragam utilidade, desde que não receba qualquer punição? O dano que possa inferir a seus semelhantes é um ato indiferente com o qual não deve se importar.

A mesma coisa acontece com essa outra preocupação chamada caridade. Incalculável absurdo! Dar a outros parte do nosso alimento, parte do nosso abrigo, destruir sua ignorância e fazer a eles todo o bem possível! (Muito bem!).

Quando o arrojado operário se lança em meio a um incêndio para salvar uma criança, e perece ele mesmo ou fica inutilizado para

ganhar o sustento dos próprios filhos, comete um ato de demência. Aquele que se sacrifica pela liberdade da pátria; quem sofre prisão, desterro ou a morte, e por difundir ideias salvadoras e de progresso para a humanidade, é sem dúvida, um imbecil, não um herói, porque tais atos não cabem dentro do critério materialista. (Muito bem!).

No entanto, entre eles existem muitos possuídos de tais aberrações. Não vieram vocês aqui com o propósito de nos fazerem um bem, pretendendo dissipar os nossos erros? Mas que utilidade obterão vocês em tudo isto?

O desconsolador não é apenas isso, não é que vocês pretendam matar o sentimento, mas que desejem substituí-lo com a crença materialista, dando como toda alegria e recompensa a ideia de que o organismo humano fica resolvido em seus elementos químicos, e que tudo aquilo que se referir à vida intelectual e ativa fica extinto, sem que dois seres que se amaram tornem a se encontrar jamais em outras relações além das fortuitas das combinações químicas, onde graças à eterna circulação da matéria possam alguma vez se associarem um átomo de oxigênio que esteve no corpo da mãe com outro de hidrogênio, ou de cal, que pertenceram à organização de seu filho. Todas as hipóteses espiritualistas são mais consoladoras do que a de vocês; e principalmente a espírita, que longe de aceitar essas fábulas do catolicismo, como são o inferno e o purgatório, pesquisa e descobre as leis do espírito e do mundo intelectual, e demonstra a verdade de uma vida eterna, da qual esta é uma ligeira etapa, devendo portanto tornarem a se reunir na vida livre e em outras esferas, aqueles seres que se simpatizam e que viveram se amando neste planeta. É por isso que eu já falei algumas vezes que se o Espiritismo não fosse, como realmente é, uma grande verdade, seria preciso inventá-lo para consolação do coração humano, em vista do abandono onde o deixa o frio materialismo com sua

incredulidade, e da insuficiência, horrores e absurdos que comumente permeiam as hipóteses religiosas quando explicam a situação do espírito após a morte do corpo.

O amor, conforme a teoria de vocês, nada tem de espiritual, de beleza ou poesia; é um apetite sensualista, realizado por atos mecânicos e químicos; é o amor dos incendiários da internacional. (Prolongados aplausos).

Porém, indiquei não há muito, que nem sequer nisso são vocês consequentes, porque em oposição às suas pregações dessas noites, vocês não são insensíveis às punições morais da vida.

Não existe, entre vocês, alguém que já perdeu um filho adorador? Nenhum de vocês sentiu ainda a tristeza de fechar os olhos de uma mãe querida e dar o último beijo na sua fronte gelada pela morte? Foi isso para vocês um acontecimento indiferente, que conseguiram contemplar com serenidade, sem qualquer comoção do sentimento, sem ter molhado com suas lágrimas o rosto do cadáver de uma mãe ou de um filho? Será que o materialismo faz vocês tão refratários à dor moral, que não sentem essas desgraças próprias e nem as alheias? Impossível!... Vocês sentem, como todos os homens, vocês choram também essas desgraças, por muito que a razão lhes diga, como a nós, que são fenômenos naturais, necessários e inevitáveis. Infeliz daquele que não sabe chorar em presença de fatos assim, porque é um idiota, um demente ou um malvado! (Sensação).

Vocês não sentiram tampouco em seus amores outra coisa além dos atos de uma função fisiológica, e não enxergam em suas esposas nada além de átomos e combinações químicas, e o afeto para seus filhos é apenas um movimento das células?...

Mas já basta de discussão. Vocês não impugnaram os principais fundamentos da doutrina espírita. É verdade, com certeza, que como a sua tarefa ficou reduzida a negar a existência de Deus e da alma, se

essa doutrina fosse verdadeira, ficaria destruída a base da nossa, não mais sendo lógicos, portanto, os outros princípios de que ela se constitui.

No entanto, mesmo concedendo a vocês tudo isso, o qual não é uma pequena concessão, a sua impugnação não alcançaria a hipótese espírita sobre a criação universal, a pluralidade dos mundos habitados por seres inteligentes, dos quais vocês nada podem afirmar sobre seu organismo ou seu espírito; porque muito bem poderia ser que o homem da Terra não tivesse mais do que organização material e que neste planeta não exista nada daquilo que nós chamamos de espírito; mas que em outros planetas mais perfeitos exista sim, esse agente da inteligência, que possua vidas orgânicas e vidas livres, e que os espíritos de outros mundos superiores possam chegar a se comunicarem conosco. Porque é verdade que a pretensa ciência de vocês, mesmo no caso de que fosse verdadeira, fica limitada à compreensão deste pequeníssimo globo e das organizações dos seres, inclusive o homem, porém essas pesquisas não autorizam vocês para negar a habitabilidade de outros mundos, a existência neles de espíritos que vocês não conseguiram encontrar aqui, e a comunicação deles, conosco e entre eles mesmos. Vejam como, apesar do materialismo de vocês, ainda resta em pé muito da doutrina espírita para obrigá-los a pesquisar novos argumentos.

Vocês têm falado inúmeras vezes que nós não podíamos apresentar demonstrações práticas e experimentais das nossas afirmações, e que, portanto, o espiritismo não possuía o caráter de ciência. Falaram também que os fatos que nós citamos não foram presenciados por vocês, e que tais fatos deveriam ser do domínio de todos, e não exclusivamente nosso, e por essa razão consideram-se no direito de negá-los. Nem sequer sobre este particular todos vocês

estão de acordo, já que um de vocês, o Sr. Vinader, admite todos os fenômenos espíritas que vocês têm negado, concordando em tudo com a nossa escola, exceto com a explicação ou a teoria; porque para ele tudo é eletricidade, e em tudo o que existe, tanto da ordem física, ou da intelectual e moral, ele não enxerga outra coisa além de movimentos dessa eletricidade, que é o seu universo, seu dinamismo, sua matéria, sua alma e seu Deus. Portanto, a este ilustrado impugnador não precisamos demonstrar fatos que ele não nega.

No tocante a vocês, digo que os fatos que constituem a parte experimental do espiritismo não são segredo da nossa escola, são do domínio público e pertencem a todo aquele que os buscar e provocar com ilustração e razão serena. Eles são como as experiências na química. Ninguém tem o direito de dizer que os homens de ciência as reservam para si, e mesmo sendo poucos aqueles que as conhecem, as cátedras estão abertas para todos aqueles que desejarem estudar e aprender química e verificar suas experiências. A mesma coisa acontece com os fatos espíritas. Pesquise quem quiser conhecê-los e com certeza poderá presenciá-los, se o merecer. Mas, será verdade que vocês não conhecem nada prático, nada experimental, mesmo os fenômenos surgindo continuamente em meio à normalidade dos acontecimentos da vida? Nunca tiveram pensamentos que depois vieram a se realizar? Nos seus sonhos, nunca surgiu a visão de algum acontecimento que chegou a acontecer em um futuro mais ou menos próximo? Nunca viram sonâmbulos naturais, desses que se levantam enquanto estão dormindo, entregando-se aos trabalhos próprios da vigília, sem que para eles seja obstáculo a falta de luz e o fato de terem as pálpebras fechadas? Nos seus atendimentos como médicos, nunca tiveram ocasião de observar um desses doentes que, nos últimos momentos da sua derradeira doença, saem subitamente do abatimento e da letargia, demonstrando uma surpreendente lucidez,

raciocinando com mais juízo e clareza que nunca, e que determinam, às vezes com maior precisão do que o médico mais experiente, o dia e hora em que acontecerá sua própria morte? Pois todos esses são fenômenos naturais de espiritismo, única doutrina capaz de explicá-los; porque com a doutrina de vocês não cabe nada além de negá-los, ou confessar que não sabem o que eles são. Será que também não têm notícia de algum desses indivíduos que são um prodígio em algum ramo de conhecimentos, às vezes desde a infância, sem ninguém ter ensinado a eles aquilo que parecem ter trazido ingênito em seu ser? Será que não sabem que existem pessoas que são poetas, pintores, escultores, mecânicos, matemáticos, etc., desde que chegaram ao uso de razão, e antes de terem estudado e nem sequer ouvido coisa alguma sobre esses conhecimentos que neles são inatos, por terem sido adquiridos em outras existências? Pois estes fatos também não possuem explicação fora da teoria espírita, única que, com a pluralidade de encarnações, pode compreender como muito natural esse fenômeno, porque o espírito que desenvolveu em outra existência uma determinada faculdade, pode, ao reencarnar, imprimir um grau superior de atividade à parte do cérebro encarregada de auxiliar aquela faculdade, e recordar os conhecimentos de outra vida, mesmo antes de cultivar novamente esse órgão. E eis aqui também o porquê da nossa frenologia ser mais completa do que a de vocês, pois nós não a estudamos apenas na matéria senão também no espírito, que é aquele que infunde o corpo e molda o cérebro do qual irá se utilizar.

Será que também não conhecem os fenômenos que se referem ao magnetismo e sonambulismo provocados? Pois eis aí o seu colega, o Sr. Vinader, muito experiente nesse quesito, e ele afirmará que é evidente essa influência de umas pessoas sobre outras, até o ponto de fazê-las dormir, de produzir nelas a insensibilidade, a catalepsia e

o êxtase, a lucidez sonambúlica, conseguindo ler de olhos tapados, ver objetos e acontecimentos a enormes distâncias, que revelam conhecimentos desconhecidos para os magnetizados, e que às vezes também relatam acontecimentos do futuro ou de um passado que eles próprios ignoravam. Tudo isso também é espiritismo, e nada explica tão satisfatoriamente esses fenômenos como a nossa doutrina, com perdão da teoria elétrica do Sr. Vinader, teoria que nós aceitamos para uma parte do fenômeno, mas não para o todo dele.

E por último senhores, esses outros fatos que já chegaram a ser corriqueiros de tão repetidos, como sejam os movimentos das mesinhas redondas e de outros objetos inanimados sob a imposição das mãos de algumas pessoas, também são pertencentes à parte prática e experimental do espiritismo, sem podermos relegá-los à categoria de fenômenos puramente físicos dependentes da eletricidade das pessoas assistentes, em razão de que, no maior número de casos, são obtidas por esse meio respostas e comunicações inteligentes.

Mas irei me ocupar de outros fenômenos mais portentosos, mais extraordinários, que são a prova mais concludente da intervenção de forças psíquicas alheias à nossa para se produzirem, de agentes estranhos às pessoas presentes, e portanto subordinados à vontade e poder de espíritos desencarnados. Refiro-me a esses fatos do movimento de móveis pesados, da elevação no ar de grandes mesas, dos ruídos, sons de instrumentos, vozes articuladas, aparições de pessoas já falecidas, e a elevação de alguns desses médiuns que, como Daniel Dunglas Home, espantam com os seus fenômenos. Mesmo sendo que em várias épocas da história de diversos povos existiram indivíduos dotados dessas raríssimas propriedades, suscitando-se com sua presença os singulares fenômenos dos quais estou me ocupando, e que estavam, ao parecer, em oposição às leis



da matéria e da física, não citarei Apolônio, nem Jesus ou quaisquer outros personagens de quem se relatam os fatos a que agora faço alusão, e limitar-me-ei a citar alguns dos numerosos que se realizam nos nossos dias com um médium extraordinário, que é vivo na atualidade, conhecido em quase todas as nações, que não é uma pessoa vulgar, e que teve e ainda tem amizade com sujeitos de grande instrução e posição elevada. Todos os fenômenos que antes indiquei, inclusive aquele de se elevar ele mesmo no ar até tocar o teto das salas, são produzidos sem que esse médium precise por sua parte nada mais além da própria passividade, porque afirma que eles são realizados à revelia da sua vontade sendo, algumas vezes, até contrários aos seus desejos. Homens dedicados às ciências, catedráticos, redatores de vários jornais, têm assistido às sessões de Mr. Home, quase todos eles dominados por uma grande incredulidade, dispostos a inspecionar se para a produção dos fenômenos eram empregados meios furtivos, como máquinas elétricas ou algum outro meio conhecido qualquer, aos quais pudessem ser atribuídos os fatos que iam presenciar. Existem inúmeras narrações publicadas em jornais, assinadas por pessoas muito caracterizadas, detalhando os fenômenos e as precauções tomadas para se certificarem da não existência de fraude ou mistificação alguma.

Um desses escritos foi publicado em Nova Iorque em 1852, relatando várias sessões de Dunglas Home, presenciadas pelo teólogo e catedrático de línguas orientais, Dr. Bush, e outros professores da universidade de Harvard. A ata que foi publicada foi assinada por Bryant, Bliss, Edward e Daniel Wells, todos eles catedráticos da citada universidade; e eles contam ter ouvido ruídos extraordinários e presenciado outros fenômenos surpreendentes, dentre eles a elevação no ar de uma grande mesa, estando sentados

sobre ela vários dos assistentes. No mesmo ano de 1852 foi publicado outro relato análogo assinado por John, Lord e Elmer, e mais nove pessoas.

Presenciaram também esses fenômenos o doutor Hallok, médico de Nova Iorque, o doutor Gray, médico de grande renome nessa mesma cidade, e os célebres químicos Hare e Mapes, e o doutor Hull.

O jornal intitulado New York Conference publicou em seu número de 26 de Dezembro de 1854 a narração de algumas sessões presenciadas por um dos seus redatores, comissionado ad-hoc para poder relatar com exatidão o que houvesse de verdadeiro nos fatos de Dunglas; e esse redator afirma não existir fraude, nem aparelhos ou agente algum material, através dos quais pudessem ser realizados os fatos extraordinários e maravilhosos que presenciou.

No jornal de Londres, Morning Advertiser, encontramos outra narração muito completa de fenômenos semelhantes devida ao doutor Wilkinson, que os presenciara.

Em várias publicações aparece também consignado que o padre Ravignan, da Companhia de Jesus, foi encarregado pela Corte de Roma de se dirigir a Douglas Home para aconselhar a ele práticas místicas, porque a Igreja considerava-o como endemoninhado, atribuindo aos diabos todos esses fenômenos. Por conseguinte, o referido padre Ravignan presenciou os fenômenos e deu certificação sobre eles, até que Home abandonou o catolicismo e fez-se protestante, para se livrar das absurdas pregações do jesuíta que durante um certo tempo foi seu confessor.

Em 1857 a imprensa toda ocupou-se de uma sessão que foi presenciada por Napoleão III, cujos fenômenos foram de tal natureza que causaram grandes preocupações em sua alma.

Direi, por último, ao Sr. Capdevilla, que o nosso colega, o doutor Louis, de Paris, tem visto muitos dos extraordinários fenômenos de

Dunglas Home, por tê-lo visitado com frequência devido à escassa e fraca saúde desse homem singular, dotado de tantas faculdades medianímicas.

Seria interminável se eu fosse enumerar todas as testemunhas que têm presenciado esses fenômenos, mas não vou prosseguir para não abusar da bondade do auditório, e porque o que já falei é suficiente para provar que tais fatos não são uma impostura dos espíritas. E os nossos adversários não têm o direito de negá-los, não. Quando pessoas honestas, verídicas e em tanto número, afirmam que presenciaram os fatos, vocês estão obrigados a acreditar neles; não devem dizer que essas testemunhas estão mentindo, porque então procede que vocês apresentem as provas dessa sua afirmação, e não existe escusa para não nos demonstrarem que esses relatos são falsidades e fraudes. Enquanto vocês não provarem isto, repito, estão no dever de acreditarem em nós, se não quiserem cometer a grave falta de atropelar a nossa dignidade e a nossa honestidade. O seu direito é limitado a indagar se os autores dessas publicações estavam mentindo, e a buscar para esses fatos a explicação que melhor lhes calhar. Digam embora, que a causa deles é a eletricidade, o magnetismo, ou mesmo o diabo. Então discutiremos sobre a causa; mas quanto à realidade dos fatos, eu já disse, ninguém está autorizado para negá-los enquanto não apresentar a prova de que nós estamos faltando à verdade (Muito bem!).

E com isto vou concluir por esta noite, tendo demonstrado a insuficiência da doutrina de vocês para a construção das ciências físicas e naturais, como também para as filosóficas, e principalmente para a explicação dos fenômenos psíquicos. Não quis entrar na explanação completa de todos os princípios da nossa escola, porque tentei me limitar apenas a retificar os erros que têm emitido aqui os materialistas, e a demonstrar com os fatos da sua própria ciência

positiva, que de modo algum é possível compreender melhor e demonstrar mais palpavelmente a existência de uma inteligência absoluta do que com a própria ciência, e quanto mais avançarmos na sua pesquisa, tanto mais claramente é visto Deus, que se revela na atração universal, na ordem dos sistemas planetários, nas afinidades químicas do reino mineral, na vida das plantas, nos organismos animais, no instinto, na inteligência e na consciência. Do fundo desses fatos jorra sempre a noção de Deus, como do estudo do homem jorra a noção do seu próprio espírito, distinto dos seus órgãos. O espiritismo, pois, afasta-se tanto do dogmatismo teológico de todas as religiões como do ateísmo dos materialistas. Nosso Deus não é o Deus dos católicos, nem o simbólico de outras seitas, enfeitado com as qualidades e paixões dos homens; também não é o nosso Deus a matéria cega e passiva. Nosso Deus é o dinamismo do universo, é o conjunto de forças e de leis, ou melhor dizendo, a única força e a única lei que impulsiona e dirige a criação inteira, com ordem, com inteligência, com sabedoria absoluta; é, em uma palavra, o Deus da ciência, que melhor compreendemos quanto mais a estudamos e mais penetramos nela. O espiritismo é uma síntese que abrange todas as descobertas das escolas materialistas e de todos os ramos do positivo saber, estuda simultaneamente a matéria e o espírito, e harmoniza as contradições que surgem ao se prescindir de um desses dois elementos na construção da ciência. Estou persuadido de que aquela arrogância com a qual vocês começaram as suas impugnações já está mais suavizada, porque os projéteis lançados a partir do seu materialismo não causaram dano algum às nossas trincheiras, e permanece ondulante e vencedora a bandeira do espiritismo. (Prolongados aplausos).

TENHO DITO.

# ADENDO

## Como me tornei espírita (Anastasio García López)

Quando o meu bom amigo Huelbes (1) publicou no El Buen Sentido um artigo dirigido a explicar como ele chegou a ser espírita, convidando outros a escreverem também sobre sua conversão a essa doutrina, achei que isso era um pensamento aceitável, como todos os seus, e considerei-me obrigado a seguir o seu exemplo, correspondendo assim aos desejos do benemérito adalide da nossa escola, D. José Amigó y Pellicer, a quem faz tempo ofereci enviar esta carta, que redigi com a lembrança das minhas crenças passadas, sendo, portanto, expressão fiel da evolução do meu espírito desde que tenho uso de razão.

*(1) Joaquín Huelbes Temprado.*

Sendo muito criança, com pouco mais de três anos, perdi o meu pai, e a minha educação ficou, por conseguinte, aos exclusivos cuidados da minha virtuosa mãe, que me incutiu tudo aquilo que constitui o dogma da igreja católica romana. Porém, já naquela tenra idade, a minha razão infantil rebelava-se um tanto contra aquilo que me diziam serem mistérios, e eu fazia inúmeras perguntas à minha mãe e a outras pessoas merecedoras do meu respeito, ora sobre o pecado original, ora sobre a confissão e a comunhão, ora sobre a mudança

substancial do vinho e da hóstia em carne e sangue de Cristo, e sobre uma porção de assuntos que resistiam-se à minha inteligência, tornando-me, quase sempre, até impertinente; então, era-me imposto silêncio, com a advertência de que todas essas e outras coisas, eu devia acreditar nelas sem jamais me inspirarem dúvidas, porque a fé naquilo que a Igreja ensinava devia ficar por cima do que a minha razão me sugerisse.

De tanto me incutirem essas ideias, cheguei a ser católico, apostólico, romano tão fervente, que teria enfrentado o martírio antes de abjurar das minhas crenças, ficando entusiasmado e até invejando a sorte dos santos que tinham dado a vida para defender a religião católica.

Terminada a minha instrução primária e de gramática latina, entrei para o Instituto Provincial de Múrcia em uma época em que o liberalismo já imperava na Espanha, e o professorado naquela cidade era um viveiro de jovens ilustrados que vertiam nos seus alunos ideias inteiramente opostas àquelas que eu recebera na escola e no lar doméstico. Meus estudos de psicologia, com Condillac e outros autores de seu mesmo sistema, que eram aqueles assinalados no texto; as noções que me foram dadas sobre astronomia, ciências naturais e físico-químicas; tudo aquilo que, em uma palavra, formava o conjunto do meu ensino secundário, abriu para mim novos horizontes e o meu espírito entrou em uma fase inteiramente oposta à anterior.

Meu gosto pela leitura fez que eu não ficasse limitado aos livros das matérias acadêmicas, devorando muitos outros com a mesma avidéz com que antes lera “O Ano Cristão”, “O Martirológio”, “O Flos Sanctorum”, “O Evangélico Triunfo” e muitos outros do gênero, que tinham contribuído para fortalecer a minha fé e que depois substituí pelo “A Moral Universal” e “O Bom-Senso”, do barão d'Holbach, pelo

“A Origem dos Cultos”, de Dupuy, “As Ruínas de Palmira”, de Volvey, e outros análogos. Passei, então, do fanatismo católico ao fanatismo materialista, em cujas últimas crenças afirmei-me mais ainda quando comecei a carreira de médico, cujos estudos, do modo como eram feitos na minha época, conduziam a elas, como ainda hoje conduzem.

Deu-se em mim uma circunstância especial que preparou a minha razão para continuar mais tarde por outra trilha, como foi compatibilizar, com a carreira de medicina, a carreira de ciências filosóficas, sendo o motivo de me interessar pelo que na época era chamado de filosofia alemã; e atravessando pela multidão de dúvidas que sempre assaltavam meu espírito, a derradeira evolução das minhas crenças foi o panteísmo. Nunca fui cético ou eclético, e sentia uma necessidade irresistível de conhecer as causas de todos os fenômenos, tanto de ordem física como de ordem moral; e sendo que desde que a minha razão teve a consistência que lhe é própria, não me era oferecida explicação de todos os problemas da vida, de todos os fenômenos da natureza nem pelo catolicismo romano, nem pelo materialismo, nem pelo panteísmo, fui passando por todas essas doutrinas, as quais eu admitia e rejeitava depois, ficando afinal com a panteísta, como sendo a que deixava menos lacunas para as aspirações da minha inteligência e da minha consciência. Porém, mesmo assim, o meu espírito não ficava satisfeito por completo, porque ele aspirava sempre a buscar o por quê de todas as coisas.

Na ordem fisiológica, eu conhecia o funcionamento orgânico, mas a histologia e a química também não explicavam o sonambulismo natural ou o provocado, dos quais eu tivera ocasião de observar muitos casos, como também outros de pressentimentos e adivinhações em vários estados patológicos de alguns dos meus pacientes. Também não me era dada explicação pela química orgânica ou pela estrutura dos tecidos, dos estados de letargia

prolongados, das mortes aparentes, ou do fato curiosíssimo, que eu tinha lido, de existirem pessoas que por uma educação especial conseguiam adquirir condições fisiológicas para ficarem voluntariamente submersas em uma morte temporal, deixando em suspenso por longo tempo a circulação, a respiração, a nutrição e as secreções, como alguns faquires da Índia fazem. Muitos outros fenômenos de ordem fisiológica e patológica, cuja causa em vão eu pesquisava, eram um incentivo para buscar teorias ou inventar hipóteses que me fornecessem uma explicação para esses fatos.

Na ordem moral, eu buscava também a justificação para tantos acontecimentos, ao parecer anômalos, contraditórios e nada equitativos ou harmônicos. Por quê existem seres condenados a viverem na miséria e na ignorância, sendo sua vida um encadeamento de todo gênero de dores e sofrimentos, apesar de observarem uma conduta moderada e de terem condições orgânicas e de espírito para entrarem na participação do bem-estar da humanidade, enquanto existem tantos malvados e tantos imbecis que nascem e vivem no meio da opulência, sendo a sua uma vida de intermináveis prazeres? Por quê existem, ao parecer, tantas injustiças sociais, tantas iniquidades na humanidade, tantas desigualdades entre os homens? Qual é a finalidade dos seres que nascem e morrem sem terem preenchido missão alguma na Terra? Estes e outros muitos eram os problemas eu vinha propondo a mim mesmo, procurando sua razão de ser na hipótese do panteísmo, do ateísmo e do espiritualismo teológico, sem que nenhuma delas deixasse satisfeito o meu entendimento e nem a minha consciência.

Algumas vezes ouvira falar em Espiritismo, porém nada tinha lido ou visto e julgava como absurdo a pouca coisa que eu conhecia dessa doutrina, apesar de já naquela época terem-se me apresentado espontaneamente certos fenômenos insólitos que eu explicava a mim



mesmo como sendo produto de ações de magnetismo biológico, entre eles a perda de um filho meu acontecida quando estava com 12 anos de idade. O primeiro fato foi um pressentimento da sua morte estando ele em perfeita saúde; ao pouco tempo desse pressentimento, ele foi invadido por um tifo, que o arrebatou de mim em poucos dias. O segundo fato foi a aparição desse filho querido, vista por mim na mesma noite do seu falecimento, quando estava às escuras no meu dormitório; ele se apresentava como formado por um gás luminoso, parecido com a luz que um fósforo emite se esfregado entre os dedos quando a gente está no escuro. Esses dois fatos impressionaram fortemente o meu espírito, mas procurei explicação para eles dentro da minha filosofia panteísta e das minhas teorias sobre o magnetismo.

Apesar disso, a dúvida apossava-se do meu espírito sobre esses fenômenos e eu elaborava hipóteses no meu pensamento para buscar explicações que satisfizessem melhor a minha razão, e algumas delas estavam de acordo, como pude ver depois, com a doutrina espírita que eu não conhecia. E tanto isso é verdade, que tendo publicado uma novela, intitulada “A magia do Século XIX”, por encomenda de um editor, sem que eu soubesse ou tivesse conhecimento saiu uma novela que contém a narração de muitos dos fenômenos espíritas explicados conforme essa doutrina.

Quando tive a aparição do meu filho, entrou em mim um grande desejo de comparecer em alguma das reuniões dos espíritas, e averigui que alguns deles se juntavam em casa do então coronel de engenheiros, Sr. Pérez de Rosas. Quis ser apresentado a esse cavalheiro e, obtido seu consentimento para assistir às sessões semanais, compareci à primeira que houve depois da minha visita. Eu não conhecia nenhuma das pessoas que formavam aquela tertúlia, cujas conversas e linguagem eram desconhecidas para mim.

Falaram-me das faculdades mediúnicas de vários dentre eles, coisa que de início não compreendi até que fui vendo o que era feito na reunião.

Devo confessar que as minhas primeiras impressões foram desfavoráveis e pensava achar-me em uma reunião de ilusos, carentes de bom-senso. Convidaram-me para perguntar o que quisesse a qualquer um dos médiuns e, estando sentado perto do Sr. Huelbes, ao qual estava vendo pela primeira vez, ele me disse que, se comparecessem à nossa evocação espíritos que inspirassem as respostas para as minhas perguntas, ele as passaria para mim imediatamente.

Evocamos Samuel Hahnemann, e quando o Sr. Huelbes escreveu: “Aqui está”, comecei a propor uma série de problemas difíceis sobre medicina homeopática; nem bem tinha formulado o primeiro, e o médium já estava começando a escrever com admirável rapidez, preenchendo folhas cuja leitura me surpreendeu pela correção do estilo e pelos conceitos elevados com que resolvia as questões que eu colocava. Entusiasmado com essa experiência, não prestei atenção aos outros fatos da sessão, e para mim era inexplicável a maneira como eram escritos aqueles magníficos artigos que poderiam até serem publicados em um jornal científico, assim de repente e sem qualquer mediação prévia, em meio ao barulho e às conversas existentes na sala, por uma pessoa não versada nas ciências médicas, já que o Sr. Huelbes, mesmo tendo estudado Medicina anos depois, na época era muito jovem e estava cursando Direito na faculdade.

Minha surpresa aumentou quando, terminadas as comunicações sobre questões de homeopatia, evoquei o espírito do meu filho e o Sr. Huelbes disse que estava vendo-o tal como ele era quando vivo; e apesar de não tê-lo conhecido e de eu não ter fornecido a ele nenhum dado, descreveu o menino tal como ele tinha sido, detalhando suas

feições, sua cor, a roupa com que foi amortalhado e todas as minúcias necessárias para me convencer de que realmente o Huelbes estava vendo o meu filho. Este, depois, deu-me uma comunicação da nossa vida íntima, empregando o estilo e certas frases, próprias e características dele, em termos tais que, quando Huelbes a leu para mim, acreditei estar ouvindo o meu filho falar. Para que não restasse em mim a menor dúvida, a comunicação era assinada com a inicial E, e o nome do meu filho era Emílio, fato que o Sr. Huelbes ignorava, aliás, como todas as pessoas daquela reunião.

Ao voltar para casa a minha cabeça assemelhava-se a um vulcão. Não consegui dormir em toda aquela noite e na manhã seguinte a minha primeira providência foi ir até a livraria de Bailly-Balliere para comprar todas as obras que houvesse sobre Espiritismo. Abrira-se para mim um novo horizonte, tinha encontrado a chave de todos os problemas que por tantos anos agitavam o meu espírito, buscando a causa e a explicação deles em todas as filosofias, sem que nenhuma delas tivesse jamais deixado satisfeita a minha razão nem a minha consciência. Por alguns meses fiquei entregue totalmente à leitura dos livros de Allan Kardec, assistia as reuniões da casa do Sr. Pérez de Rosas, minha mulher e meus filhos também tornaram-se espíritas, dedicando-nos, em minha casa e com as pessoas da minha família, a ensaiar a produção de fenômenos, obtendo coisas tão portentosas como nunca depois vi em nenhum círculo dentre os muitos em que compareci.

Dois dos meus sobrinhos aconteceu que também eram médiuns com muitas faculdades, entre outras o sonambulismo lúcido com visão do futuro. Com esses elementos consegui obter, não somente a comprovação experimental da verdade sobre as minhas novas crenças, como também uma extensa propaganda entre os meus parentes e nas minhas relações sociais, colocando, a partir de então,

a minha atividade ao serviço da escola espírita, sem receio às censuras ou ao ridículo de que com frequência tenho sido objeto, e muito menos às excomunhões que os bispos de Salamanca e Burgo de Osma fulminaram contra mim por causa de um folheto que publiquei, intitulado “Exposição e defesa das verdades do Espiritismo”.

Eis aqui, resumido, como me tornei espírita e o porquê de continuar nessas crenças. Encontrei nelas o conceito que a minha consciência buscava sobre a causa primeira; conheci, até onde é possível à inteligência do homem na Terra, o Deus da ciência, muito diverso do Deus das religiões positivas; o Espiritismo não era mais rejeitado pela minha razão, sendo que, despojado da ontologia com que ele me foi dado a conhecer, estava de posse de meios para demonstrar, prática e experimentalmente, a existência do espírito, a perpetuidade do ser, sua permanente individualidade através de múltiplos organismos e em muitos mundos, constituindo todos os espíritos a humanidade espalhada por todo o Universo e sendo, portanto, cada planeta uma cidade habitada por seres inteligentes e passíveis de aperfeiçoamento. A partir de então, tive a solução de todas as minhas dúvidas passadas, consegui ver resolvidos todos os problemas da vida individual e social, compreendi a evolução como uma lei iniludível e a religião harmonizada com a ciência. Dissiparam-se os fatos sobrenaturais a que tão refratária tinha sido sempre a minha razão e vi que esses fenômenos portentosos, referidos como uma realidade em todas as épocas e em todas as civilizações, eram subordinados a leis naturais até então ainda não conhecidas nem investigadas e que apenas com a doutrina espírita era possível se encontrar para elas uma causalidade e uma razão de existir. Não ficou mais impossível para mim a revelação, pois compreendi a evidência das comunicações entre os vivos e os espíritos que estão

na erraticidade ou em vida livre e, portanto, a ciência harmonizada com a fé raciocinada encontrava um auxiliar nessas revelações para ampliar a esfera dos seus conhecimentos. O Espiritismo fazia-me ver as leis providenciais na criação inteira e no avanço e desenvolvimento da humanidade; compreendi a religião única e universal, sem templos, culto ou sacerdotes, porque seu templo é o espaço infinito e a infinidade de mundos que giram eternamente no imenso pélago da matéria cósmica, cuja essência é a inteligência absoluta e cujo dogma é o trabalho que eleva a alma a Deus, o estudo das leis da natureza, fazendo compreender cada vez melhor a Deus, e a prática da caridade e o amor por todos os seres; e com isso o espírito progride e se aprimora eternamente, desaparecendo esses mitos de inferno e purgatório e da beatitude imóvel das religiões positivas, como tantos outros erros que só têm servido de empecilho para o progresso humano.

É verdade que, apesar desta amplificação da minha razão pelas verdades do Espiritismo, resta ainda uma aspiração em minha alma, que é adentrar problemas que a minha inteligência e consciência me propõem sem encontrar para eles uma solução satisfatória: mas o Espiritismo ensina-me também que não posso, nas condições atuais da minha existência, alcançar essas esferas de conhecimentos que eu desejaria possuir, sendo que até nas minhas dúvidas e ignorância ele me sustenta e encoraja, porque chegará um tempo no qual, pelos sucessivos aprimoramentos que acumularei nas milhares de vidas que viverei em milhares de mundos, a minha inteligência ter-se-á aberto em novas faculdades que ainda não possui e serão mais profundas e extensas as que agora tem, sendo acrescentados em proporção a isso os meus conhecimentos sobre Deus e suas obras, ou seja, sobre a Natureza, e irei satisfazendo esse desejo que possuo de saber sempre mais.

E eis aqui a explicação de como e porquê eu sou espírita.

Publicado na revista “El Buen Sentido” (Lérida, outubro de 1882).



[www.luzspirita.org.br](http://www.luzspirita.org.br)



Autores Espíritas Clássicos